

PRA COMEÇO DE ³CONVERSAS

A ILHA DE MAX



PRA COMEÇO DE CONVERSA

A ILHA DE MAX

Sarah Vervloet

CAMPOS DOS GOYTACAZES


Essentia
EDITORA
IFFLUMINENSE
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

V571i	Vervloet, Sarah A ilha de Max [recurso eletrônico] / Sarah Vervloet. — Campos dos Goytacazes, RJ: Essentia, 2023. — (Pra começo de conversa; v. 3) Livro eletrônico (84 p.) Modo de acesso: World Wide Web: < https://editoraessentia.iff.edu.br/index.php/livros/issue/view/314 > ISBN 978-65-87500-32-4 (e-book) 1. Literatura infantojuvenil brasileira. 2. Cidadania. 3. Pais e adolescentes. 4. Identidade de gênero. I. Título. II. Série. CDD 808.899283 23. ed.
-------	--

Essentia Editora
Rua Coronel Walter Kramer, 357
Parque Santo Antônio
Campos dos Goytacazes/RJ
CEP 28080-565
Tel.: (22) 2737-5648
essentia@iff.edu.br
www.essentiaeditora.iff.edu.br

Bibliotecário-Documentalista | Henrique Barreiros Alves | CRB-7/ 6326

Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense

Expediente Institucional

Reitor

Jefferson Manhães de Azevedo

Pró-Reitor de Administração

Guilherme Batista Gomes

Pró-Reitora de Gestão de Pessoas

Aline Naked Chalita Falquer

Pró-Reitor de Ensino

Carlos Artur Carvalho Arêas

Pró-Reitora de Extensão, Cultura, Esporte e Diversidade

Catia Cristina Brito Viana

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

José Augusto Ferreira da Silva

Diretor de Pesquisa e Pós-Graduação

Pedro de Azevedo Castelo Branco

Conselho Editorial 2022-2025

Ana Paula Lopes Siqueira (IFF)

Ana Paula de Castro (IFF)

Bruno Barzellay Ferreira da Costa (Membro externo - UFRJ)

Carlos Victor Pontes do Rosário (IFF)

Daniela Balduino de Souza Vieira (IFF)

Elias Fernandes de Souza (Membro externo - UENF)

Fernanda Soares Luz (IFF)

Gislane Nunes Leitão (IFF)

Guilherme Vieira Dias (IFF)

Heise Cristine Aires Arêas (IFF)

Inez Barcellos de Andrade (IFF)

Jader Lugon Junior (IFF)

José Augusto Ferreira da Silva (IFF)

Kíssila da Conceição Ribeiro (IFF)

Natália Deus de Oliveira Crespo (IFF)

Paula Alvarenga Borges (IFF)

Pedro de Azevedo Castelo Branco (IFF)

Raimundo Hélio Lopes (IFF)

Renato Barreto de Souza (IFF)

Sandra de Miranda Soares (IFF)

Vicente de Paulo Santos Oliveira (IFF)

Wagner da Silva Terra (IFF)

Equipe Editorial

Editora Executiva Daniela Balduino de Souza Vieira

da Essentia Editora

Editor Científico Jader Lugon Junior

Editor Assistente Lionel Mota Gonçalves

Editora Associada Michelle Maria Freitas Neto

Revisão de Edson Carlos Nascimento

língua portuguesa

Catálogo Henrique Barreiros Alves

**Capa/Projeto gráfico/
Ilustrações/Diagramação** Lionel Mota Gonçalves

Conselho Editorial da Série Pra Começo de Conversa

Ana Paula Giori Fassarella

Giselda Maria Dutra Bandoli

Manoella Rodrigues Pereira Senna Vasconcelos da Silva

Marcelle Louback Gomes

Raimundo Helio Lopes

*Este livro é dedicado a jovens que constroem a
própria ilha e dali podem voar ou nadar para
qualquer canto. Jovens que sabem que ora somos
ilhas, ora somos pontes.*

Agradecimentos

*Agradeço a Érika, minha colega de trabalho, que iluminou o caminho;
a Lionel, pela parceria; e a Daniela, pela aposta.*

*Agradeço, especialmente, a estudantes que fizeram e fazem parte do
Núcleo de Gênero, Diversidades e Sexualidades (Nugedis) do Campus
Bom Jesus do Itabapoana – estendendo aos Nugedis do IFFluminense
em geral. Graças a vocês, nossa instituição é mais democrática e
acolhedora.*

Apresentação

Criar uma história que envolva temáticas sobre gêneros, sexualidades e cidadania é desafiador, diante do universo plural que temos hoje na pauta de muitas discussões. O conceito de gênero está ligado à multiplicidade de discursos, produtos da cultura, acerca do que seja ser homem e ser mulher. Trata-se de uma categoria de leitura da sociedade, portanto. O gênero é, ainda, uma forma de significar as relações de poder e, hoje, sabemos que o sentido desse poder não deve ser único. Esta é, portanto, a terceira edição da Série Pra começo de conversa, cujo tema é Gênero, Sexualidades e Cidadania.

Para envolver personagens, contexto e estrutura estética e literária, aliados à temática, foi preciso criar um fio condutor de toda a história de Max: a democracia. Democracia não esse trata apenas de um sistema baseado em instituições: eleições, voto, partidos, agências de governo. É igualmente um modo de vida e uma forma de sociedade, que se traduz em valores como os direitos civis, as liberdades de ir e vir; de expressão; de associação; de imprensa. Uma sociedade democrática faz da igualdade política, entre pessoas com interesses e objetivos diferentes, seu grande motor de transformação. Nesses regimes carrega-se um ideal de extensão da cidadania cuja ênfase recai sobre o direito de participar. É uma forma de cidadania que se move a partir da inclusão, pois a cidadania só é realmente democrática se for estendida a um grande número de pessoas, mantendo as diferenças que existam entre elas, sejam de status, classe social, raça, etnia, gênero, sexo, religião, região, geração e assim por diante.

A democracia nasceu como um projeto incompleto. Já na Grécia, estavam alijados da cidadania, os estrangeiros, as mulheres e os escravos. Os impasses que vivemos hoje pedem por ajustes e uma melhor qualificação da democracia. No Brasil, e como diz a Coalizão Negra por Direitos, não teremos uma democracia enquanto continuarmos tão racistas.

Tão homofóbicos. Tão machistas e misóginos. Tão capacitistas. Tão anti-democráticos.

A Ilha de Max talvez seja esse espaço onde a democracia reclama por se completar, num ensaio para outras ilhas, espaços, mentes e pensamentos. Numa tentativa de criar discursos diversos e democráticos, não somente na imaginação, mas também na prática da escrita – que, para Barthes, deve ser desrespeitosa e criativa, ou seja, a escrita precisa ser suficientemente perturbadora e desejável para que se torne reescrita.

Assim, o convite à leitura é, também, um convite à escrita, com música e imaginação. A playlist escolhida envolve-se significativamente – ou não – com a história, não sendo um elemento obrigatório – afinal, esse tipo de leitura pressupõe a liberdade.

À medida que a história de Max vai seguindo, alguns verbetes aparecem como chave de discussão para além deste livro. Isso porque os dramas familiares e sociais são mais complexos do que imaginamos, como diria Jack.

Todas as fontes relacionadas aos verbetes foram adaptadas para que a leitura fosse também mais democrática nesse momento. Cada definição é fruto de um estudo sistemático dos termos, mas não pretende esgotar cada assunto abordado. Pelo contrário, o objetivo é abrir caminhos para outras conexões possíveis que nos levem a questões sociológicas, históricas, filosóficas, geográficas, políticas, públicas, privadas etc.

Já as ilustrações são também resultado de um processo longo de conhecer Max, Jack e demais personagens, entrar na história e pensar nos seus detalhes. É, de fato, uma forma de criar mundos democráticos, pelos quais devemos sempre lutar, resistir, educar. Que seja, por isso, uma boa leitura.

A Ilha de Max

Quarenta e quatro passos formam o perímetro do quarto de Max, junto com roupas empilhadas e uma coleção de miniaturas – este é o país visitado por Max. Não se trata de país nenhum porque é seu quarto, mas aqui só temos uma diferença de escala, pois estamos diante de uma viagem, um exílio íntimo. É um cômodo da casa ou um continente? Placas tectônicas podem ser abaladas por aqui?

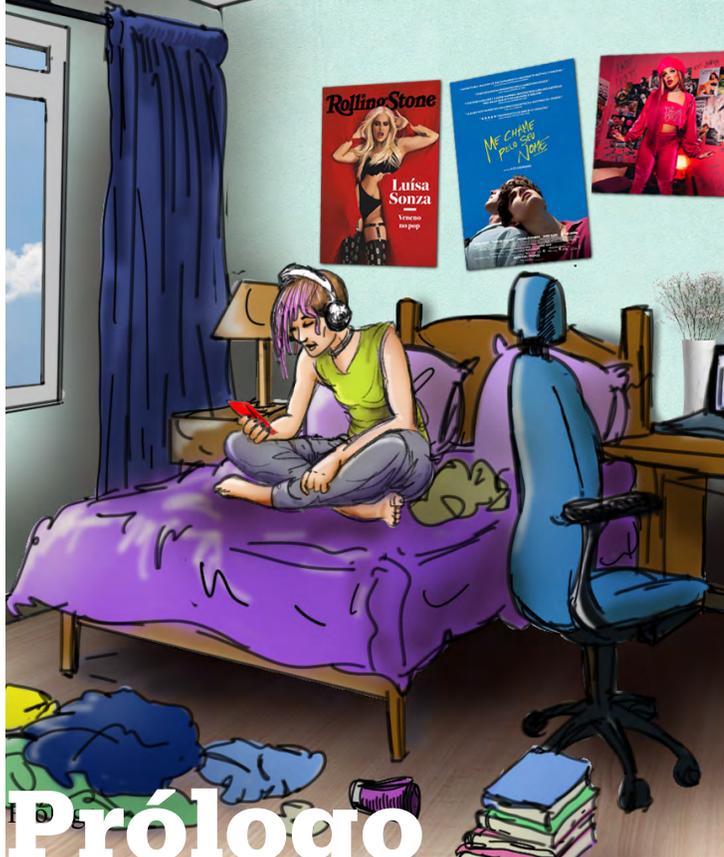
Após escutar uma conversa atrás da porta, Max inicia uma jornada de buscas e descobertas. Seu quarto é, então, uma ilha no meio da casa, refúgio, viagem a um país imaginário, mundo do “eu”, o espírito que chega ao universo inteiro – Max vai aonde quer e aonde não suspeitava. A invenção da sua própria pátria.

Playlist

*Escute lendo, leia ouvindo. Ouça antes,
durante ou depois da leitura.*



Prólogo	Carta aberta - BK
Capítulo 1	Eyes without a face - Billy Idol
Capítulo 2	Senhor do Tempo - Charlie Brown Jr.
Capítulo 3	Amigos até certa instância - Jovem Dionisio
Capítulo 4	Friends - Vitamin String Quartet
Capítulo 5	Meninos e meninas - Legião Urbana
Capítulo 6	Boys Don't Cry - The Cure
Capítulo 7	Metamorfose ambulante - Raul Seixas
Capítulo 8	Mulher do fim do mundo - Elza Soares
Capítulo 9	Comigo ninguém pode - Mc Tha
Capítulo 10	Roda-vida - Chico Buarque
Capítulo 11	Eu gosto dela - Emicida, Cohen
Capítulo 12	Meninos e meninas - Jão
Capítulo 13	Only Have Eyes 42 - Janelle Monáe
Capítulo 14	Vida louca vida - Cazuza
Capítulo 15	Missão Possível - 3Elos
Capítulo 16	Across the universe - The Beatles
Capítulo 17	Giant Steps - John Coltrane
Capítulo 18	Struggle for Pleasure - Win Mertens
Capítulo 19	Te vejo nos meus sonhos - Konai
Capítulo 20	I'm Not Here To Make Friends - Sam Smith
Capítulo 21	About a Girl - Nirvana
Capítulo 22	Máscara - Pitty
Capítulo 23	Jigsaw Falling Into Place - Radiohead
Capítulo 24	Cabelos Arco-íris - k a m a i t a c h i
Capítulo 25	Velha roupa colorida - Elis Regina



Era metade do ano e eu já sabia que ficar na escola era melhor que voltar pra casa. Posso dizer que tudo que é chato no ensino médio não chega nem aos pés de conviver com aquela rotina de casa.

Dizem que eu vou sentir saudades disso depois que acabar, mas eu duvido. Sentir saudade de acordar cedo, ficar numa cadeira por horas, em volta de gente que só quer te julgar, comer salgadinho frio e perder tempo ouvindo explicações sobre Física? Ainda assim, eu prefiro essa tortura a chegar em casa e ter que responder meu pai com aquelas mesmas perguntas: como foi a escola, estudou muito, fez novos amigos? Ele parou no tempo. Já minha mãe prefere me “jogar” pra cima de vizinhos, primos e qualquer pessoa, alegando que eu não tenho amigos.

Até tenho amigos. Mas algo me diz que eles não precisam conhecer meus pais.

Esses dias, os dois me deixaram em paz por algum tempo. Eu acreditei que havia um acordo nosso: deixar todas as tarefas da escola em dia em troca de 24 horas de tranquilidade dentro do meu quarto, sem ter de me sentar à mesa e essas coisas de família. Liberdade!

Eu acreditei que era um acordo, mas na verdade senti uma espécie de distanciamento deles, parecia que estavam me evitando. No início, achei até bom. Ufa, alívio. Mas depois ficou estranho – por que eles me deixariam no quarto por tanto tempo? Pedi tantas vezes e nunca me deixaram, por que agora?

Capítulo 1

Todo dia é isso: eu chego da escola, pego um lanche e entro direto no quarto. Fones nos dois ouvidos: em apenas um ouvido poderia dar margem pra alguém vir puxar assunto. O problema é que, naquele “dia de liberdade”, eu havia esquecido de carregar meus fones, e a bateria me obrigou a escutar o som que vinha lá de fora.

Para além de cachorro no quintal do vizinho e caminhão passando na rua da frente, dentro de casa minha mãe conversava ao telefone. Ela sempre falou mais alto, como se a pessoa do outro lado da linha não estivesse escutando muito bem. O raciocínio é assim: a pessoa está a quilômetros de distância, então é provável que ela não esteja me escutando direito. Eu sempre ri disso! Mas ela continuava falando mais alto, exceto nesse dia que, num determinado momento, ela diminuiu o volume da fala e, num tom confuso de entender, falava frases difíceis de decifrar, meio soltas: “mas isso é segredo”, “eu nunca vou contar”, “confia em mim”...

Colei o ouvido na porta, até que ela mencionou meu nome: “Max...? Na..não se preocupe... Max não ficará sabendo”. E desligou o telefone.

Fiquei ali, por um tempo, esperando alguma pista do que eu “não ficarei sabendo”, mas ela se distanciou, deve ter ido até a cozinha, e eu me sentei no chão tentando imaginar que “segredo” seria esse, carregado de estranheza na voz de minha mãe, preocupada em acalmar a pessoa do outro lado da ligação. Afinal, quem estaria ao telefone com ela? Meu pai? A essa hora, ele estava trabalhando, era véspera de feriado, devia estar muito atarefado pra terminar tudo no escritório. Não, não era ele. Mas quem?

Há tantas pessoas curiosas no mundo! Bisbilhoteiros de um lado, mexeriqueiros de outro. Ouvido atrás da porta, olhos nas

frestas, telefones... sem fio. Verdade ou mentira, vai de pessoa a pessoa, da curiosidade ao desespero, ansiedade só por uma informação. Me senti xereta, querendo saber uma fofoca que me envolvia, ou melhor, que não queria me envolver. Por quê? Que informação não poderia chegar a mim, será que me prejudicaria?

“Max não ficará sabendo”. A frase ficou ecoando horas e horas. Deitei, levantei, sentei, andei pelo quarto. Parecia mais que uma fofoca, era de fato um segredo... de família? Eu gastaria o chão do meu quarto andando de um lado para o outro, mas eu precisava descobrir o que estava acontecendo.



Capítulo 2

Tá, mas você já deve estar se perguntando: “por que Max não saiu imediatamente do quarto para interromper a ligação de sua mãe com aquele alguém misterioso?”. Minha mãe com certeza faria um escândalo me acusando com pouca educação e me colocando de castigo... “Mas era só pressionar e fazer uma chantagem qualquer”. Na teoria, pode até ser. Na prática, ela iria confiscar meu celular! Até parece, hein?! (olhada para o leitor - quebrando essa “parede”)

Mãe ou pai, avô ou avó, tio ou tia, ou qualquer pessoa que cuide da gente, parece ter uma habilidade superior, que é de saber mandar. Até com o olhar isso funciona, e eu não iria me arriscar saindo do quarto naquele momento. Precisava de pistas.

Sol miava ao meu lado sem parar, parecia entender todo aquele caos. Dizem que os pets são sensíveis ao estado emocional dos tutores e, nesse dia, tive a certeza disso.



Sol havia chegado pra mim com 2 meses, um bebê rajado de amarelo e com os olhos exatamente iguais aos meus: um de cor azul, outro de cor verde. Quando vi aquele gato pela primeira vez, ficou evidente que era meu filho! Eu inclusive olho pra Sol do mesmo jeito autoritário que meus pais me olham para demonstrar superioridade quando preciso, afinal, quatro patas em cima do meu computador não dá.

Nós, que somos responsáveis por algum ser, sabemos mandar, aprendemos no ato. Sol sabe obedecer, mas eu? Nem sempre. Autoridade não pode ser confundida com autoritarismo, não é mesmo? Eu precisava saber o motivo para tanto suspense, mesmo que, para isso, precisasse infringir alguma regra da casa. Quem minha mãe pensa que é para me deixar de fora de algo tão importante – será mesmo tão importante? “A Grande Irmã zela por ti”, por isso te poupa, te priva, te esconde...

Surtei! E agora Sol andava pelas minhas pernas, miando como quem quisesse me contar o segredo guardado por minha mãe.

Capítulo 3

Quarenta e quatro. Quarenta e quatro passos formam o perímetro deste quarto. Até que ele não é pequeno, se comparado ao quarto de Jack. Jack!!! Preciso de você agora!

- Jack, tá por aí?

Digitando...

- Ei, que foi?

- Minha mãe... Acho que ela tá me escondendo uma coisa muito séria. Preciso descobrir o que é!

- Como assim? O que ela disse?

Gravando áudio...

- Ela falou no telefone com alguém, mas não sei quem é. Aí ela falava que eu não podia saber de alguma coisa, ahhhhh!!! Não acredito nisso! Eu não sou mais criança!

- Calma, Max, vai ver... não é nada demais. Lembra daquela técnica de respiração que te ensinei? Faz aí, respira e calma.

Qualquer coisa que aconteça, qualquer problema que eu queira dividir, é para Jack que corro. Jack me lembra aquele personagem... como é mesmo o nome? Dean Moriarty, aquele que relativiza tudo, pensa em todas as possibilidades antes de transformar tudo em drama. Entendo exatamente o que você quer dizer, mas isso depende da dicotomia de Schopenhauer para concretização íntima - eu não entendia nada e ele também não. Jack facilmente usaria uma calça jeans e uma jaqueta de couro preta, acompanhada de óculos escuros, talvez dirigindo um conversível, caso vivesse em 1980. Teria várias mulheres lindas a sua volta. Mas hoje as meninas e

os meninos que se aproximam de Jack são menos exigentes, quando chegam perto.

- Não posso respirar, Jack! Preciso de uma estratégia pra descobrir isso.

- Você tem certeza que ouviu isso? Ou a música gritava no seu ouvido como sempre?

- Eu tô sem fone, acabou a bateria.

- Você viu direito, era sua mãe mesmo? Olha que essa heterocromia deve tá falhando a visão ou você deve tá confuso, vendo e ouvindo coisas demais...

- Não acredito que você tá dizendo isso! Ter um olho azul e outro verde não faz nenhuma diferença, você sabe!

- Tô zuando, calma!

Capítulo 4

- “Olha, que cabelo estranho, mas legal... gostei!”.

- “Minha mãe errou o corte, ficou uma bosta, todo irregular...”.

- “Nossa... Achei... exótico. Achei que tivesse sido de propósito, desculpa! Mas mesmo assim eu gostei... Achei diferente”.

E foi assim que eu e Jack nos conhecemos, há alguns anos. Eu gostei do cabelo torto, mas Jack ficou com a cara toda vermelha, fiquei sem graça também. Ainda tentei me redimir dizendo que queria o mesmo corte. Jack ficou uns dias sem olhar no meu olho, até entender que até meus olhos eram diferentes.



Mas aí a gente descobriu que, para além do cabelo esquisito, a gente tinha muita coisa em comum, principalmente não conseguir ser “comum”. Olhava em volta, só via Jack. Jack só via Max. Muitas vezes, parecia que Jack precisava de um resgate no meio do pátio, e vice-versa.

Um dia, precisei ir ao médico e só cheguei na hora do intervalo. Estavam todos no pátio comendo e conversando e, quando avistei Jack, havia uma garota tentando puxar assunto, inclinada na direção de Jack e oferecendo pipoca, falando sem parar. De longe, a cena era deprimente! Jack num desconcerto e numa timidez. Quando Jack me avistou, pulou do banco no meio do pátio e arranjou alguma desculpa para sair dali.

Depois, fiquei sabendo que a garota estava tentando convencer Jack a ir ao cinema com ela, e Jack nunca foi a um date. Nem eu, mas isso não vem ao caso... O fato é que a garota estava sendo muito intransigente, invasiva, como eu detesto gente assim!

Minha dupla nos trabalhos vai bem em Matemática, eu prefiro Literatura. Só não falo que Jack é minha metade da laranja porque, além de ser cringe, li uma vez que ninguém é tão bom para completar o outro. Mas há mesmo aqueles dias que a gente prefere acreditar nisso, e Jack é uma amizade assim, que me conforta. Não fosse por isso, a escola seria ainda pior.

Capítulo 5

Enquanto eu falava com Jack, tocou a campainha. Era uma amiga da minha mãe, elas se abraçaram e eu ouvi algo do tipo: “calma, tudo vai se ajeitar”. Esqueci a conversa com Jack e coleí o ouvido na porta. A antiga amiga da faculdade da minha mãe não parava de falar dos filhos.

“Fulano está estudando muito para o vestibular, ele quer se tornar um médico reconhecido na cidade”. “Fulana vai para a Europa no mês que vem”. “Vou te convidar para o casamento sim, claro, eles estão muito felizes juntos”. Daí, óbvio, seguiram as perguntas desagradáveis: “E Max? Já está se preparando para o vestibular?”. E antes que qualquer pergunta sobre minha vida amorosa fosse pronunciada, minha mãe ofereceu a ela um café com um pedaço de bolo.

Papo vai, papo vem. Como elas têm tantos assuntos! Mas nenhum se aproximava do mais importante. Isso porque o tom das palavras só foi mudando quando realmente iniciaram o tal assunto. Pressionei o ouvido na porta até doer e não conseguia escutar uma frase completa. Tudo era muito fragmentado: “estou confusa”, “assunto complicado”, “tomar uma decisão”, “não aceitar”... Elas foram diminuindo o volume da voz, quase que balbuciando, e aí eu já não conseguia ouvir nada a não ser zumbidos.

Palavras são pequenos tijolos de construção, emendados por um cimento de conectivos e, assim, vai se fazendo o sentido, um muro, uma parede, um prédio inteiro. Foi difícil entender tijolos soltos, e eles mais me inquietaram que colaboraram pra descoberta do tal segredo.

Resolvi abrir uma fresta da porta, que rangeu avisando até para as formigas da casa que eu estava ali, querendo escutar a conversa. Desde criança, minha mãe já gritava “Max, vai para o quarto! Não quero você escutando conversa de adultos!”. Se

até as formigas sabiam da minha presença ali, é certo que minha mãe também soube, mas, em vez de gritar comigo, ela simplesmente começou a falar a receita do bolo que estavam comendo.

“A massa é muito fácil de fazer, você adiciona uma colher de baunilha pra dar esse gostinho no final, sabe? E depois precisa fazer a calda, só muito cuidado pra não queimar, ela vai ficando douradinha, e aí você acrescenta um pouco de chocolate meio amargo...hum! Fica uma delícia, né?”

Qual seria, afinal, esse “assunto complicado” do qual eu não poderia saber? Que decisão minha mãe precisaria tomar? E o que mais me intriga: por que, de uma vez por todas, eu não podia saber nada?



Capítulo 6

O corpo das águas-vivas é formado por 95% de água, ou seja, não há nome melhor para elas! Elas nem precisam de um nome social pra chamar de seu! Com esse corpinho, conseguem se movimentar perfeitamente nos oceanos e têm até mesmo contrações rítmicas. O corpo de uma água-viva é tão incrível que se ilumina sozinho! Sim, a luminescência. O corpo humano possui mais de 70% de água e não tem a mesma malemolência que uma água-viva... vai ver... perdemos muito disso desde então.

Não somos como águas-vivas moventes e dançantes mar afora, na harmonia de pertencer a imensidões aquáticas, num ritmo único e coerente ao próprio corpo de tecidos finos e aquosos. Nós nos alteramos continuamente, em aparência, sinais, marcas, cicatrizes, sonhos, dúvidas, hoje, agora, amanhã, depois. Dizem sim ao nosso corpo quando dizem muitas vezes não, porque querem manipular, apontar, deduzir, concluir, delimitar.

Não conseguimos facilmente criar as próprias luzes em simbiose com outros organismos vivos ao nosso redor. Devíamos aprender com as águas-vivas que, por onde passamos, fazemos parte desse lugar, que é tão água como nós, que é tão verde como nós, que é tão triste como nós...

Mas tem uma coisa que nos aproxima das águas-vivas: diante de qualquer risco, lá vêm elas encomendando uma bela queimadura! Quem chega perto num dia ruim saberá o que são tentáculos pegando fogo e cheios de espinhos para afastar uma presença indesejável. Então, as águas-vivas nem sempre estão fluorescentes e de bom humor. Eu também não.



Capítulo 7

E então, minha mãe estava “confusa” – foi o que ela disse para a amiga. Os professores adoram dizer que nós, adolescentes, é que vivemos com a cabeça confusa. Que esse período da vida é marcado por uma série de mudanças físicas, emocionais e sociais significativas, o que muitas vezes nos leva a essa confusão, blá-blá-blá...

Minha mãe já deixou de ser adolescente há tempos. Isso me faz concluir que estar “confusa” não é uma característica só de adolescentes. Ou, melhor, é uma experiência de vida com relação a nós e ao mundo, mas isso não tem a ver só com a idade, certo?

Testosterona, estrogênio, progesterona, crescimento estatural, flutuações emocionais, constituição identitária, pelos pubianos, desenvolvimento neuronal, tudo isso, mais um pouco além disso, tudo junto, acrescentado de porções individuais de vivências e situações diárias de estresse.

Bem, se minha mãe passou por isso tudo e ainda está confusa, quem sou eu para querer estar diferente...E tudo bem. Eu só queria entender de onde vem tanta confusão e tanto mistério. Será que essa amiga tem alguma coisa a ver com a história? É claro que, quando não conhecemos a história, tendemos a especular.

Por que minha mãe está tão confusa?

Por que ela não quer me contar o que está acontecendo?

Por que eu não posso saber de jeito nenhum?

Para cada pergunta, várias podem ser as respostas. E eu vou continuar me perguntando e respondendo de diversas formas, enquanto houver dúvidas. Afinal, meu nome foi mencionado, eu tenho participação nesse enigma. Quais seriam as respostas certas?

Capítulo 8

Mas e se fosse realmente uma bobagem, nada demais, como Jack disse?

Vou tentar me esquecer disso pelo menos por um momento, assim talvez eu consiga colocar a cabeça no lugar. Lembrei de Lena, minha maior inspiração. Então, de volta aos fones de ouvido, abrindo meu refúgio diário: o Vida Fake, lá onde as pessoas escrevem histórias e se divertem com as vidas que criam.

E se Lena descobrisse que sua mãe guarda um segredo? Ela iria atrás, sem dúvida. Ela sugaria o sangue de qualquer pessoa que se atrevesse a se esconder algo, porque Lena é a minha personagem mais forte e mais corajosa, afinal, ela é uma vampira!

Nem sempre foi assim, é claro. Quem olha para Lena hoje não imagina o quanto foi difícil chegar ali, nessa vida perfeita e imortal. Nascida na Ilha Bouvet, pertencente à Noruega, sentia solidão na mesma proporção que sentia frio. Lena parecia estranha consigo mesma desde que aprendeu a se olhar no espelho, querendo entender a palma da mão, o tamanho dos braços, o que a roupa escondia, a possibilidade de sorrir e chorar. É assim pra todo mundo, a descoberta da própria imagem, mas com ela sempre foi esquisito, estava ilhada dentro de si mesma, pois não parecia que aquelas pessoas em volta, com casacos de pele e cigarros longos entre os dedos, não parecia que as pessoas iriam compreender.

Isolada, Lena ia em busca de informações sobre o que a fazia ser tão diferente dos demais. Ah, quase me esqueço! Lena é do século XVIII, mais precisamente de 1739. Não foi fácil mesmo explicar para qualquer pessoa o que ela compreendeu sobre si. Podemos dizer que essa minha personagem vivia entre uma era glacial e a iminência de uma erupção vulcânica, era toda ela secreta, indecifrável, até que percebeu uma incongruência: seu corpo não parecia seu. Lena é uma mulher transgênero.

Capítulo 9

É isso mesmo, minha personagem é uma mulher trans e vampira. Até conseguir viver como a mulher que era, Lena precisou aprender sobre as pessoas: por que elas não aceitavam sua transgeneridade? Por que criaram tanto preconceito? Por que a perseguiram e a acusavam de falsidade e aberração? Por quê? Isso, sem dúvida, era uma forma de violência.

Se, desde pequena, quando se olhava no espelho, Lena sabia que parte daquele corpo não era dela, por que as pessoas insistiam em dizer que era só uma fase, que ia passar, que ela estava apenas confusa? Por que as pessoas a olhavam estranho? O que elas olhavam? O que julgavam?

São muitas emoções e sentimentos misturados nessa jornada de autodescoberta de Lena. Aceitação e transição. Aquele desconforto angustiante da discrepância, uma confusão diária sobre o que sou, a busca por uma autenticidade, além de preferir o isolamento, a solidão.

Mas ela buscou se entender e entender outras pessoas ao redor. Ops... isso me soa um discurso de autoajuda, vou tentar reformular mais à frente. Porque Lena é feminista, antirracista e empoderada e, neste momento, abraçou sua verdadeira identidade. Que momento significativo pra ela! Há desafios eternos, mas ela já encontrou pessoas que a respeitam e a apoiam.

Capítulo 10

Lena é uma mulher trans e vampira, criada por mim nos dias mais complicados, aqueles em que a gente se sente como quem partiu ou morreu. Já pensei em algumas versões para a história da transformação de Lena em vampira, mas ainda não tenho certeza sobre o que realmente aconteceu a ela. O que você sugere? [Clique aqui e deixe sua opinião!](#)



Capítulo 11

Jack interrompeu meu pensamento, queria se desculpar porque foi impaciente, não estava entendendo a minha ansiedade no assunto. Respondi que tudo bem, que eu estava com Lena, fazendo uma espécie de terapia. Jack às vezes tinha ciúmes de Lena, pois já tomou bolo por causa dela: um dia, ficou me esperando chegar à praça, mas eu me perdi na história da vampira norueguesa e, quando olhei no relógio, era tarde demais. Desde então, Jack não suporta ouvir falar o nome dela. E eu confesso que gosto disso.

Jack sugeriu que eu relembresse conversas que tive com minha mãe e meu pai, para tentar identificar algum problema, um olhar estranho, uma hesitação, uma mudança repentina de assunto talvez... Dizem que o corpo manda sinais o tempo todo. Eu agora estava me sentindo detetive dos olhares da minha mãe, dos gestos do meu pai, dos movimentos corporais de cada um.

Pequenos sinais: expressões faciais, movimentos das pernas e dos braços, alterações na voz – como eu iria identificar qualquer desonestidade no meio de uma conversa? Será que meu pai coçou muito o nariz, minha mãe cobriu a mão com a boca, escondeu as palmas da mão no bolso, cruzou os braços? Será que eles demoram muito a me responder uma pergunta?

Lembrei do dia do meu aniversário de 11 anos, quando pedi para viajar com meus primos e minha mãe negou prontamente, sem querer escutar meu pedido completo. “Nem precisa terminar, é não e não”. “Mas, mãe, é só um final de semana”. “Eu já disse que não, você não tem idade pra isso”.

Outro dia, minha mãe também me proibiu de ir à casa de Jack. Disse que Jack me influencia de maneira estranha. Nós íamos fazer um trabalho sobre Desenvolvimento Sustentável, era coisa grande, com maquete e tudo o mais. Tirei nota baixa e nem

assim ela mudou de ideia, disse para encontrar outros amigos porque Jack se veste diferente demais, vive jogando uns jogos estranhos e também tem poucos amigos. Queria explicar que ela praticamente havia me descrito naquele momento, mas deixei pra lá.

Lembrei também que, não faz muito tempo, meu pai chegou tarde em casa e eles discutiram. Eu fingi que dormia, mas escutei algo assim da minha mãe para meu pai: “Você sempre fazendo coisa errada!”. Que mais de errado meu pai fazia?

Meus pais não são o casal mais apaixonado do mundo, têm problemas amorosos e domésticos, vivem dilemas do cotidiano e, por isso, acho essa relação um tanto chata. Dia desses, minha mãe estava em crise porque a máquina de lavar havia quebrado, mas meu pai não entendeu o drama, tratou como coisa pouca, o que deixou minha mãe ainda mais furiosa. Ficar com roupas sujas é um problema, sim – inclusive, um problema que só vai piorando – mas será que precisava daquilo tudo?

A impressão que sempre tive é de que o casamento deles é uma parceria que divide contas e dores de cabeça diárias, como ter que consertar a máquina de lavar. Casamento mais burocrático que apaixonado. Até Lena sabia aproveitar melhor suas relações afetivas.

Mas nessas reflexões, uma sensação retornou à superfície, feito uma água-viva que sobe à margem, um sentimento-correnteza.

Capítulo 12

Essa correnteza de sensações me fez lembrar outras... como quando passei as férias no sítio do meu tio e lá eu ganhei uma pedra que parecia um topázio, mas depois lembrou safira e em seguida se confundia com ametista. Eu olhava a pedra, ela transluzia pra mim.

A pessoa que me presenteou foi a mesma que me deu um beijo pela primeira vez. Não sabia como reagir, embora tivesse gostado. O beijo fez tudo tremer, a pedra caiu da minha mão, rolou até o céu e voltou na minha direção. Eu passei o dia com a cabeça fora do ar, minha mãe ligou à noite e percebeu algo estranho: “o que está acontecendo, Max? Tenha civilidade, não quero seu tio reclamando de você”.

Nervosismo, desespero. Será que fiz tudo certo? Não me lembro da minha língua nesse meio, foi tudo tão rápido... demonstrei insegurança? Vamos nos ver novamente? Talvez eu queira, mas não sei, tenho medo, vergonha, quero me esconder – ou não.

E a pedra na minha mão. O beijo que ia e voltava na memória. Armava uma neblina lá fora, ficaríamos em casa em volta da lareira, enquanto as sensações cutucavam todo meu corpo. A pedra era e ao mesmo tempo não era. E o beijo?

Capítulo 13

Cresci nessa família que sempre foi cuidadosa, apesar de tudo. Meus pais têm sido meus pilares e estão presentes em todos os momentos importantes da minha vida. Mas, à medida que o tempo passa, algumas coisas estranhas estão começando a aparecer, e eu não saberia dizer se isso é mais por minha culpa ou é mesmo algo bizarro no ar.

Tá ok. Eu não ajudo muito me vestindo dessa maneira. Talvez fosse muito mais simples manter o padrão, seguir as regras desde que nasci. Normas sociais, cultura padrão e, por que não, heterossexual, eurocêntrica, cisnormativa... Mas minhas características físicas e traços de personalidade são tão diferentes deles! As pessoas costumam comentar isso...mas as pessoas são enxeridas, querem se meter em tudo. De qualquer forma, há alguns anos esse desconforto me invade.

Nossos momentos familiares sempre foram muito corridos e abruptamente interrompidos, talvez porque meus pais não queiram a minha presença, talvez porque eles parecem sempre evitar falar sobre nossas origens, como tudo começou:

- Pai, como vocês se conheceram?
- Ah, deixa de bobagem, Max, isso faz tanto tempo.
- E como vocês descobriram que queriam ser uma família?
- Ai, Max, seu pai não gosta desses assuntos, foram tempos difíceis.
- Vocês planejaram meu nascimento?
- Vamos falar de outra coisa agora, que tal a viagem de Ano-Novo?

É. Tudo bem que eles são um pouco fechados mesmo. Isso se reflete também na minha forma de querer viver mais de forma isolada aqui no meu quarto. Dizem que isso é coisa de adolescente, que vai passar.

Meu quarto é meu refúgio, uma ilha no meio da casa, meu patrimônio. Eu não acho que passar um final de semana inteiro aqui dentro seja tortura ou coisa de gente estranha. Aqui tem tudo o que preciso. Exceto comida e banheiro, e é por isso que tenho que sair: duas necessidades que muitas vezes chegam ao extremo até que não tem mais jeito, hora de abortar missão e deixar o esconderijo.

Jack me contou uma vez sobre sua família e não achei muito diferente da minha, mas quando ele me mostrou as fotos dos irmãos, fiquei em choque! Parecem a mesma pessoa! E, depois, quando conheci a família de Jack, entendi que não é só a aparência física que os aproxima, mas também a personalidade. São muito parecidos quando falam, comem, gesticulam. Bem, Jack destoa um pouco. Deve ser essa fase adolescente que a psicóloga chama de “complexa”.

Mas aqui em casa não é assim. Em nada me pareço com meus pais. Ou será que sim? Sem irmãos, também fica difícil imaginar. Faço parte de um quebra-cabeça com peças minúsculas, daquelas que você passa meses para conseguir encaixar e, ainda assim, corre o risco de nunca conseguir porque há centenas de peças parecidas e pequenas. Será que sou a peça desse puzzle ou quiseram me encaixar de qualquer maneira, forçando um ajuste nas bordas, nos cantos até que a própria peça finalmente parecesse ser mesmo daquele encaixe?

Capítulo 14

E se eu tivesse irmãs ou irmãos? Deve ser uma experiência única na vida de alguém, essa relação multifacetada. Jack disse que ter irmãos é um saco e maravilhoso ao mesmo tempo. Você perde tudo que tem, mas ganha algo que ainda não sabe exatamente descrever.

Existe uma companhia eterna, que pode ser boa e muito ruim, dependendo da situação. Quando um chora, o outro pode chorar junto. Quando um tem biscoito, todos têm. Quando um se parece demais com o pai ou a mãe, o outro morre de ciúmes.

Mas as brigas podem ser épicas, difícil separar. Minutos depois, tudo volta ao normal, como se ninguém tivesse ferido o joelho. Aquilo que tem de fraterno, pode ter de subalterno. O irmão mais novo sempre sofre. Eu seria um bom irmão mais velho ou novo?

Essa experiência não tenho, mas adoraria. Quer dizer, não sei. Não cabe mais ninguém neste quarto, além de nós, né, Sol? Mas, quem sabe...

É sempre estranho pensar em outras possibilidades que não a nossa realidade. Lembrei do último trabalho de Sociologia: eu jamais havia refletido sobre o que é ser uma pessoa com deficiência! Pensar no outro, pensar em outras formas de ser, de viver, isso tudo é novidade pra mim. Mas ao menos me ajuda a colocar a cabeça no lugar e seguir adiante.

Capítulo 15

Quando resolvi jogar um pouco para distrair a mente, ouvi o carro do meu pai entrando na garagem. Ele teria que atravessar a varanda e o jardim após sair do carro. A varanda coberta era o meu lugar preferido da casa quando era criança. Hoje, meu quarto é o melhor lugar, óbvio.

Ao entrar em casa, meu pai passa pela sala de estar, abre um pouco a janela porque ele sempre fala que prefere a luz natural que vem de fora. É ali que meus pais gostam de ouvir música e conversar.

Depois, anda até a cozinha, passando pela mesa de jantar, e chega até seu quarto. Separa a roupa suja e segue para o banheiro. Não fosse o barulho do carro entrando em casa, minha mãe só descobriria a chegada dele com o som do chuveiro. Só depois ele nos procura, de cabelo molhado e sempre com fome: “vocês já comeram?”.

Ele vai ao meu quarto, quase nunca me encontra sem os fones. Vai à lavanderia deixar a roupa do trabalho e, muitas vezes, entra no escritório para ler ou ficar sozinho. O escritório do meu pai é como meu quarto, um esconderijo de nós mesmos, uma ilha nos universos.

Capítulo 16

Somos oito bilhões de pessoas no mundo e nem todo mundo que é parente se parece fisicamente. Há, inclusive, gente que nem é da mesma família e guarda semelhança física e até hábitos parecidos. Dizem que é a sequência de DNA, variantes genéticas... pode parecer loucura, mas temos umas peças de combinação química, com vírus e bactérias, que nos aproximam e nos distanciam. Será que tive tanto azar assim de me distanciar até mesmo nessas sequências microscópicas dentro de mim?

Biologia ou química, o fato é que não me vejo neles. Eles parecem demonstrar que não se veem em mim também. Sei que minha mãe se dedica à minha criação, buscando ser atenciosa e cuidadosa... Tenho comigo uma das poucas fotos de infância que já vi: minha mãe segurando minha mão porque, segundo ela, eu estava aprendendo a dar os primeiros passos.

Meu pai é um pouco aéreo, mas também gosto dele. Porém, por que às vezes os dois parecem tão longe de mim? Parecem pessoas frias, congeladas, congelantes! Gélidos como as pessoas da terra de Lena.

Era esse o segredo que minha mãe compartilhava com outra pessoa ao telefone? A revelação de que minha existência não começou nesta família...? A árvore genealógica deles não era a mesma da minha?

Que todos vocês me perdoem por pensar nisso! Eu não tenho outra saída a não ser questionar. Afinal, são muitas dúvidas desde sempre e só me dei conta disso tudo agora, justo agora que minha mãe tem uma verdade oculta, algo trancado a sete chaves, criptografado, sigiloso, enigmático, e diz respeito a mim! Não sei o que fazer!

Capítulo 17

Pareço uma água-viva atropelada por um bote, partida ao meio e em curto-circuito. Será que devo sair deste quarto imediatamente e perguntar a eles o que está havendo? Ou já sair arrancando a porta e afirmando tudo o que está aqui, alojado e organizado na minha mente? Não, seria muita falta de consideração. E se isso magoar minha mãe? Se eles brigarem?

Essa dúvida-mortal só quem conseguiria me ajudar a resolver é meu avô. Que saudade do senhor, vô! Seu Vintém, como era conhecido da vizinhança, morava a uma quadra daqui. Tinha um bar onde conversava com muita gente, talvez por isso eu gostasse de conversar com ele, era um dom que tinha de tranquilizar os outros. Ele abria as portas do bar logo pela manhã pra limpar a sujeira deixada pela noite. “É da sobra da noite que descobrimos a imundície nossa”, ele sempre dizia.

Enquanto varria a calçada e limpava as cadeiras e o balcão, ouvia jazz no volume máximo. Vô Vintém desistiu da carreira de músico pra viver de outra maneira, mais singela, menos agitada. Antes, tocava trompete nos bares. Depois, tocava o bar como ninguém. Mas sempre tem um aqui, outro ali, que passa e se sente tentado a tomar qualquer dose, a dose do ânimo. Seu Vintém respondia: “É dose? Não são nem 7! O bar tá fechado, biriteiro. Não me venha antes do meio-dia”. E virava as costas, imitando o barulho do trompete na música alta.

Meu avô saberia o que me dizer agora. É provável que pedisse para pensar bem antes de qualquer coisa. O que mais ele poderia me aconselhar? Colocar meus pais contra a parede ou continuar vivendo com a dúvida?

Atenção! Caso você acredite que Max precisa refletir melhor, para não tomar decisões precipitadas, vá para o capítulo 18. Se você acha que Max precisa sair desse quarto imediatamente, vá para o capítulo 22.

Capítulo 18

A noite já atravessava e eu não aguentava mais pensar no assunto. Adormeci de cansaço, por cima de umas roupas emboladas. Acordei algum tempo depois sentindo frio nos pés, como sempre me acontece, mas vi de relance um vulto retirando as roupas da cama e me cobrindo carinhosamente. Era minha mãe. Voltei a dormir de imediato, sem forças para reclamar sobre minhas origens.

Daí em diante, não sabia quais eram os limites entre a realidade e a imaginação, pois se entrelaçam como os fios de um tecido mágico, encontrando-me perdido em meio a um cenário que parecia saído diretamente das páginas de um livro de fantasia. Eu caminhava por corredores intermináveis, cujas paredes eram cobertas por retratos em movimento e quadros que sussurravam fragmentos de histórias antigas.

À medida que avançava, a atmosfera se tornava cada vez mais opressiva, como se o peso de minhas próprias incertezas e questionamentos estivesse se materializando ao meu redor. Ao virar um corredor, me vi diante de uma porta imponente, ornamentada com entalhes intrincados que lembravam as tapeçarias mágicas de Hogwarts.

Ao abrir a porta, fui saudado por uma sala que era um mosaico de locais familiares e estranhos. Havia uma lareira crepitante, mas em vez de fogo, chamas de palavras dançavam e se transformavam em citações de autores renomados. No centro da sala, uma figura encapuzada e enigmática, com uma aura sombria, pairava sobre uma pilha de livros. Lena também aparecia e desaparecia no meio dos livros.

“Você está perdido, jovem viajante das palavras”, a figura disse com uma voz que ecoava como um sussurro carregado de significados ocultos. “Seus anseios ecoam nas linhas das páginas e nas sombras das entrelinhas.”

Senti o peso da responsabilidade enquanto a figura se aproximava, revelando olhos que brilhavam com a sabedoria e a tristeza dos personagens inesquecíveis. “Cada página que você escreve é uma tentativa de decifrar sua própria jornada, mas a tinta da caneta é tão fluida quanto as águas turvas da incerteza”.

Enquanto a figura falava, as paredes da sala pareciam se dissolver. Imagens fugazes daquele cotidiano escolar e familiar, momentos de solidão e luta, piscaram como estrelas cadentes no horizonte. Me arrumava para ir à escola, me desarrumava para ficar em casa, e não havia rumo algum.

“Para encontrar sua verdadeira identidade, você deve navegar pelas águas do seu próprio labirinto interior”, a figura disse, estendendo a mão para oferecer um dos livros da pilha. “As histórias que você escreve são espelhos mágicos que refletem sua alma. Mergulhe nelas, e você encontrará a luz no meio das sombras”.

Eu folhiei o livro e vi minhas próprias palavras dançando nas páginas, formando um emaranhado de emoções e reflexões. Ergui os olhos, a figura enigmática havia desaparecido, e eu estava novamente no corredor interminável. Mas agora, eu precisava seguir por aquele corredor.

Despertei. Que labirinto era esse que não terminava?



Capítulo 19

Meus sonhos sempre foram labirínticos, que parecem ter entrado numa história de Alice. Sensações das mais aleatórias, cenários psicodélicos, será que meus livros e meus jogos têm alguma coisa a ver com isso?

A cada noite, eu me encontro mergulhando em um mundo completamente novo, um mundo que desafia a lógica e a realidade. Em uma noite, posso estar voando livremente pelos céus, enquanto na seguinte, entro em confronto com criaturas estranhas e enigmáticas em florestas exuberantes e sinistras.

Meus livros empilhados na cabeceira da cama são uma coleção eclética de ficção científica, fantasia, e até mesmo alguns clássicos surrealistas. Talvez, de alguma forma, meu cérebro esteja amalgamando todas essas experiências em um espetáculo noturno.

Em alguns sonhos, me encontro em situações absurdas que me fazem rir quando acordo, como aquela vez em que estava em um jantar com unicórnios falantes que discutiam filosofia. Em outros momentos, a linha entre o sonho e a realidade parece tão tênue que acordo me perguntando se a vida que vivi durante a noite não era, de fato, a verdadeira.

Às vezes, esses sonhos me trazem perplexidade, questionando a natureza da realidade e a origem dessas visões bizarras. Será que minha mente está tentando me dizer algo? Será que esses mundos oníricos escondem segredos ou mensagens ocultas?

Decidi manter um diário de sonhos, registrando cada detalhe e emoção antes que eles se desvanecessem na névoa da manhã. Quem sabe talvez eu descubra algum padrão, alguma conexão entre minhas leituras, meus jogos e esses sonhos extravagantes. Talvez, nesse labirinto de imaginação, eu encontre pistas para compreender não apenas meus sonhos, mas também a complexa tapeçaria da minha mente. E, quem sabe, onde essa jornada onírica me levará a seguir?

Capítulo 20

Como qualquer pessoa cidadã, eu tenho direitos! Neste território que é a minha casa, nesta terra que é o meu lar, neste continente abalado por placas tectônicas que é o meu quarto, neste país que é a minha vida, nesta pátria que é meu coração, em tudo isso há direitos! Também tenho o dever de zelar pelo bem dessa família e participar, acompanhar e fiscalizar a sua perfeita atuação. Afinal, faço parte dela, e ela de mim.

É agora ou nunca, nós não mantemos uma relação harmoniosa, pois as minhas expectativas e as atitudes dos meus pais não foram alcançadas. E os princípios da legalidade, impessoalidade e moralidade? Onde foram parar? Falar segredinhos ao telefone não é nada legal, a não ser quando eu falo com Jack. Esconder de mim detalhes sobre meu passado é um interesse pessoal e não coletivo, ou seja, não é honesto comigo e com a nossa família.

O território externo é inimigo? Então, eu preciso me preparar antes de sair deste quarto. Vou treinar meu discurso com Sol, tentando não levantar a voz pra não chamar atenção lá de fora. Faço isso pra estudar, pois falar em voz alta ajuda a aprender o conteúdo, ainda mais se for História, com aquele monte de data pra lembrar.

Pensei em questionar minha mãe logo de cara: “o que por acaso eu não posso saber, que você compartilhou ao telefone?” Ou, talvez assim: “por que você guarda segredos de mim e não me conta de uma vez que não faço parte desta família desde o começo?”. Seria muito rude de minha parte? Sim ou não, estava na hora.

Capítulo 21

Antes, fiz uma chamada de vídeo pra Jack. Precisava me de-stressar. Jack riu da minha cara de desespero, contei todas as minhas conclusões, lembrei de sua família e minha fala foi interrompida com um susto: “mas a minha família não é a sua! Você não pode se basear nela, Max!!”. Jack tinha sensatez. Eu sabia que estava tendo pouco cuidado com o assunto, quer dizer, não sabia mas desconfiava. No fundo, era pura desinformação da minha parte.

Virei para o espelho do meu guarda-roupa: eu precisava me ver, me falar, me entender. Só o que havia era o estranhamento de mim, uma anormalidade parecia tomar conta, ainda que eu não tivesse mudado nada da minha aparência. E se eu quebrasse esse espelho pra nunca mais me provocar? E se eu o atravessasse?

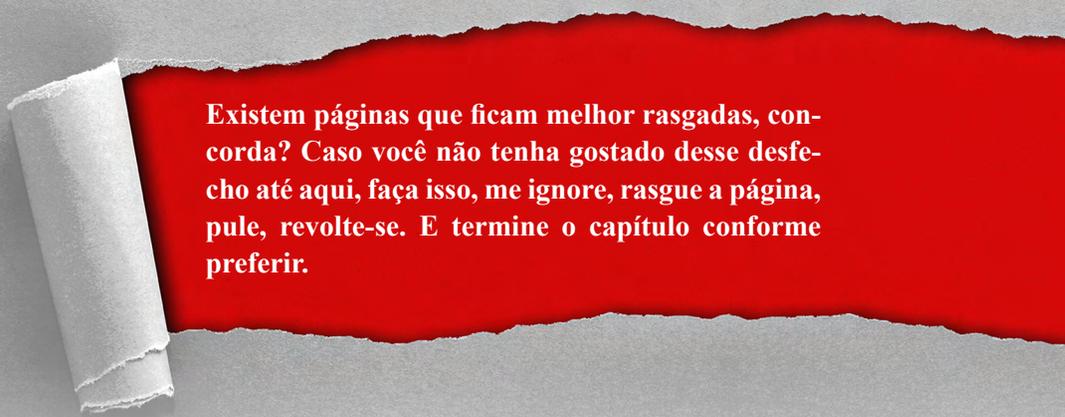
Pareço meu pai? Pareço minha mãe? Vejo que perdi alguns quilos desde o ano passado e algumas roupas estão mais largas, eu prefiro assim. Outras peças de roupa eu não quero mais usar, mas eu acho que é porque não gosto mais... me visto, me olho novamente no espelho, não me reconheço. Parece que algo mudou ou tantas coisas mudaram. A vida sempre se transforma, meu espelho sabe disso.

Aumento o som do meu fone, quero dançar me olhando. São movimentos aleatórios, sem coreografia ou com uma coreografia invisível. Outra roupa, outro som, outro corpo, outro passo, outra voz, outro eu. Tamanho, forma e conteúdo: cadê tudo isso em mim?

Passo meus dedos pelo meu corpo, cabelos, braços, quadril, pernas. Penso que eu não seria mais ou menos isso dentro de mim, os pelos, os dentes, saliva. Nem mais, nem menos, é o que é. Talvez eu pense pouco nessas questões, e tantas outras, como o professor de História fala... “vocês deveriam refletir

mais sobre isso”... refletir. O que minha imagem reflete no espelho é o que as pessoas veem?

Eu não só “quero”, como “tenho que”. Tenho que me lançar diante desse espelho e voar neste quarto para ganhar impulso, sair dele, tenho que buscar respostas, mesmo que as perguntas estejam confusas e embaralhadas.



Existem páginas que ficam melhor rasgadas, concorda? Caso você não tenha gostado desse desfecho até aqui, faça isso, me ignore, rasgue a página, pule, revolte-se. E termine o capítulo conforme preferir.

Capítulo 22

Criei coragem e fui. “O que a vida quer da gente é coragem”, lembrei. E quando abri a porta, meu pai e minha mãe estavam na sala de jantar, abrindo uma embalagem de pizza. “Olha só, quem apareceu! Já íamos te chamar, a pizza tá quentinha!”. Eu gaguejei um pouco com a surpresa. Eles não estavam felizes, nem sorridentes, mas estavam bastante simpáticos, me convidando pra sentar.

A expressão facial deles era bem parecida com aquela que me autorizava passar esses dias dentro do meu quarto, sem obrigações familiares. Passaram os dias e lá estava eu, num misto de revolta e desarranjo, estranheza e ansiedade, frustração e nervosismo. O coração batia mais rápido e minhas mãos ficaram suadas enquanto ensaiava mentalmente como abordar o assunto, porque, óbvio, eu havia me esquecido de tudo que treinei com Sol. A sensação de incerteza pairou ali, pois não sabia como meus pais iriam reagir.

Essa mistura ambivalente de emoções causava um nó no meu estômago e comecei a sentir o pescoço endurecer. Meu pai me passou um pedaço de quatro queijos, minha pizza favorita. Eu olhava no horizonte procurando as palavras certas, pra transmitir meus sentimentos sem soar desrespeitoso ou arrogante. Confrontá-los é horrível, pensei, lembrando da sensação de tentativas passadas. Como aquela vez em que pedi e implorei para dormir na casa de Jack, mas só recebi negativas e mais absurdos.

Apesar de tudo, sei que são pessoas que procuram me ajudar. Tenho esperança de que um dia irão compreender essa turbulência da minha cabeça. Mas também tenho medo que me rejeitem ou minimizem todas essas preocupações. Emoções contraditórias. Dou uma mordida na pizza antes de começar o “show”? Minha mãe enche meu copo de suco, avisa que tem sobremesa na geladeira. Espera aí, eles estão me mimando muito, será que...

Não consegui sequer terminar o pensamento. Meu pai começou a falar com um tom meio sério, meio preocupado. Confesso que tive medo desde a primeira palavra, meu estômago parece ter vindo diretamente da Ilha Bouvet e congelou inteiro. A pizza intacta, nós três nos olhávamos sem respirar.

**A partir daqui, existem três caminhos.
Você escolhe por qual seguir.**

Clique nas setas e escolha um caminho para Max!



Capítulo 23

Caminho 1

A atmosfera ficou tensa e pesada. “Max”, começou meu pai com uma voz um pouco instável, “há algo que precisamos conversar”. Suspirei, acho que tremi também.

- Isso não é fácil pra nós, mas achamos que é importante que você saiba. Nós decidimos nos separar.

As palavras me atingiram como um soco no estômago. Fiquei em silêncio por um momento, processando a notícia. Aquela imagem dos meus pais sempre juntos, mesmo que em conflitos algumas vezes, parecia desmoronar diante dos meus olhos.



- O quê? Como assim? – consegui finalmente gaguejar, com uma voz cheia de confusão e tristeza.

Minha mãe me olhou com os olhos cheios de lágrimas:

- Nós tentamos resolver nossas diferenças, Max, mas chegamos a um ponto em que acreditamos que isso é o melhor pra todos nós.

As lágrimas começaram a escorrer pelo meu rosto. Sentia uma mistura de emoções, desde a raiva até a tristeza devastadora.

- Vocês não podem fazer isso! Vocês são minha família!

Meu pai estendeu a mão, mas eu não consegui fazer nada além de me afastar. Senti mágoa e traição – como eles têm coragem de fazer isso?!

- Max, nós dois te amamos muito. Isso não vai mudar. Mas achamos que é hora de seguir caminhos separados.

Corri para meu quarto, batendo a porta com força. Aqui, no meu refúgio, consigo chorar soluçando e receber a avalanche de emoções que me dominam. Depois do meu avô, nunca mais esse sentimento de perda havia me tomado. Foi avassalador.

Capítulo 24

Caminho 1

Raiva, tristeza, confusão e uma sensação de abandono. Não tive nem forças pra falar com Jack, embora logo receberia suas mensagens querendo saber o que havia acontecido depois do meu ímpeto de coragem.

Eles não estão pensando em mim, são egoístas, só pode! Estou só, à deriva, náufrago de uma vida desconhecida. E agora? O que fazer?

Num impulso, comecei a arrumar minhas roupas dentro de uma mochila. Eu queria sumir, ir embora, entrar num foguete. Precisava sair daquele lugar, nem que fosse fugindo pela janela. Fugir.

E ir pra onde? Pra casa de Jack? Será que sua família me aceitaria? Eu não quero escolher com quem ficar! Meu pai? Minha mãe? Não quero.

Não quero ninguém: vou fugir pra um lugar distante! Sem ninguém pra me incomodar. Quero ser livre!! Vou fugir pro espaço, pras galáxias, pra uma ilha!!

Lembrei que, uma vez, a professora de Literatura comentou sobre um escritor português que morava numa ilha. Sorte a dele! Dizia algo assim: “é preciso sair da ilha pra ver a ilha, ou seja, não nos vemos se não sairmos de nós”. O que será que ele quis dizer com isso?

Capítulo 25

Caminho 1

Os dias foram passando. Jack me ligava por chamada de vídeo diariamente. Preferi faltar a escola por uns dias, isso não seria fácil de dizer a outras pessoas. A companhia de Jack me deixava menos só.

Primeiro, minha mãe se aproximou para uma conversa mais franca. Eu já não chorava tanto. Expliquei que minha maior aflição era perder um dos dois, ou os dois. O coração apertava e doía só de pensar. Eu brigava muito com eles, mas isso não era nada perto do amor que sentia por cada um. Minha mãe se esforçava para continuar conversando, explicando as razões por trás da separação e garantindo que eu não me sentisse responsável por essa decisão.

Eu não tinha nada a ver com isso mesmo. Meu pai deixou nítido pra mim que eles demoraram muito pra chegar a essa escolha porque pensaram em mim, mais do que neles. Isso, sem dúvida, é uma demonstração de que sou importante pra eles.

Dias atrás, Jack me ligou pra dizer que o pai dele, na verdade, não é “verdadeiro”, porque os pais de Jack se separaram quando ele ainda era um bebê. Eu não sabia disso. Talvez essa coisa de separação seja mais comum do que eu imagino.

Mas, e agora? Será que eu vou ter outro pai, como Jack? Ou outra mãe? Ou vice-versa? É provável que eu tenha dois quartos então! Que seja... talvez seja melhor voltar à minha história com Lena e pesquisar sobre seus ancestrais. Será que Lena é filha de pais separados? Isso muda toda a história.

Mudar a história é transformar a partir do que se tem. Então, seja com minha mãe, seja com meu pai, com Jack ou Lena, na escola ou numa ilha, não importa, o que vou fazer é continuar tentando não me perder. E vou pra onde agora?

Capítulo 23

Caminho 2

A atmosfera ficou tensa e pesada. “Max”, começou meu pai com uma voz um pouco instável, “há algo que precisamos conversar”. Suspirei, acho que tremi também.

- Isso não é fácil pra nós, mas achamos que é importante que você saiba. Você é e sempre será nosso maior tesouro. Mas você tem outros pais, quer dizer... você tem pais... biológicos e nós somos seus pais adotivos.

As palavras me atingiram como um soco no estômago. Fiquei



em silêncio por um momento, processando a notícia. Por mais que eu tenha pensado nisso durante esses dias, eu queria que fosse mentira. Tudo parecia se encaixar perfeitamente agora, mas eu não queria. Minha vontade era voltar atrás, esquecer que eu já tive vontade de saber a verdade. Queria ter o poder de apagar esse momento.

- O quê? Como assim? – consegui finalmente gaguejar, com uma voz cheia de confusão e tristeza.

Minha mãe me olhou com os olhos cheios de lágrimas:

- Nós pensamos que você tem o direito de saber sobre a sua própria história, Max, mas chegamos a um ponto em que acreditamos que isso é o melhor pra todos nós.

As lágrimas começaram a escorrer pelo meu rosto. Sentia uma mistura de emoções, desde a raiva até a tristeza devastadora.

- Vocês não podem fazer isso! Vocês são minha família!

Meu pai estendeu a mão, mas eu não consegui fazer nada além de me afastar. Senti mágoa e traição – como eles têm coragem de fazer isso?!

- Max, nós dois te amamos muito. Isso não vai mudar nada em nossa família.

Corri para meu quarto, batendo a porta com força. Aqui, no meu refúgio, consigo chorar soluçando e receber a avalanche de emoções que me dominam. Depois do meu avô, nunca mais esse sentimento de angústia havia me tomado. Foi avassalador.

Capítulo 24

Caminho 2

Raiva, tristeza, confusão e uma sensação de abandono. Não tive nem forças pra falar com Jack, embora logo receberia suas mensagens querendo saber o que havia acontecido depois do meu ímpeto de coragem.

Eles não estão pensando em mim, são egoístas, só pode! Estou só, à deriva, náufrago de uma vida desconhecida. E agora? O que fazer?

Num impulso, comecei a arrumar minhas roupas dentro de uma mochila. Eu queria sumir, ir embora, entrar num foguete. Precisava sair daquele lugar, nem que fosse fugindo pela janela. Fugir.

E ir pra onde? Procurar meus pais biológicos? Eu teria que perguntar aos meus pais sobre alguma pista. Digo, perguntar a esses pais que me criaram... ora... enfim...! Que loucura isso de ter mais de uma mãe e de um pai! Não pode ser verdade...

Não quero descobrir ninguém: vou fugir pra um lugar distante! Sem ninguém pra me incomodar. Quero ser livre!! Vou fugir pro espaço, pras galáxias, pra uma ilha!!

Lembrei que, uma vez, a professora de Literatura comentou sobre um escritor português que morava numa ilha. Sorte a dele! Dizia algo assim: “é preciso sair da ilha pra ver a ilha, ou seja, não nos vemos se não sairmos de nós”. O que será que ele quis dizer com isso?

Capítulo 25

Caminho 2

Os dias foram passando. Jack me ligava por chamada de vídeo diariamente. Preferi faltar a escola por uns dias, isso não seria fácil de dizer a outras pessoas. Era preciso dizer? A companhia de Jack me deixava menos só.

Primeiro, minha mãe se aproximou para uma conversa mais franca. Eu já não chorava tanto. Expliquei que minha maior aflição era perder um dos dois, ou os dois. O coração apertava e doía só de pensar. Eu brigava muito com eles, mas isso não era nada perto do amor que sentia por cada um. Minha mãe se esforçava para continuar conversando, explicando que não fazia sentido manter isso em segredo por mais tempo.

Eu tinha direito de saber sobre isso, mas não sei exatamente quando seria o melhor momento. Meu pai deixou nítido pra mim que eles demoraram muito pra chegar a essa escolha porque pensaram em mim, mais do que neles. Isso, sem dúvida, é uma demonstração de que sou importante pra eles.

Dias atrás, Jack me ligou pra dizer que o pai dele, na verdade, não é “verdadeiro”, porque os pais de Jack se separaram quando ele ainda era um bebê. Eu não sabia disso. Talvez ser família seja muito complexo mesmo, pois há várias configurações, jeitos, modos de ser família.

Mas, e agora? Será que eu vou ter duas famílias? Dois quartos? Que seja... talvez seja melhor voltar à minha história com Lena e pesquisar sobre seus ancestrais. Será que Lena é filha de pais legítimos? Isso muda toda a história.

Mudar a história é transformar a partir do que se tem. Então, seja com minha mãe, seja com meu pai, com Jack ou Lena, na escola ou numa ilha, não importa, o que vou fazer é continuar tentando não me perder. E vou pra onde agora?

Capítulo 23

Caminho 3

A atmosfera ficou tensa e pesada. “Max”, começou meu pai com uma voz um pouco instável, “há algo que precisamos conversar”. Suspirei, acho que tremi também.

– Isso não é fácil pra nós, mas achamos que é importante que você saiba o mais rápido possível. Eu recebi uma nova proposta de emprego e nós iremos nos mudar.

Era esse o motivo de toda essa algazarra? Não é possível! Eu olhei sem crer para os dois, sem entender o tamanho desse suspense. Tomei um gole do suco e percebi que meu pai ainda se concentrava em mim, como quem dissesse “espera aí, eu não terminei”. Realmente, ainda havia o que dizer. Meu pai ganhou fôlego e continuou:

– Nós iremos nos mudar para o Canadá... sabemos que você tem seus amigos aqui e que uma mudança cultural pode ser bem difícil agora, tem a questão da língua, da escola... – Eu interrompi meu pai. Como eu iria para tão longe assim, tão de repente? Eu, que quase não saio do meu quarto, agora iria para outro país, onde ninguém fala a minha língua, entende o que eu sinto!!!?

As palavras me atingiram como um soco no estômago. Fiquei em silêncio por um momento, processando a notícia. Por mais que eu tenha pensado nisso durante esses dias, não imaginava que era esse o segredo! Não imaginava porque nem em pesadelo isso me passou pela cabeça.

- O quê? Como assim? – consegui finalmente gaguejar, com uma voz cheia de confusão e revolta.

Minha mãe me olhou com os olhos cheios de lágrimas:

- Nós sabemos que a adaptação no começo não será nada fácil,

mas lá as escolas possuem muita qualidade, você vai ter uma formação excelente, Max...

As lágrimas começaram a escorrer pelo meu rosto. Sentia uma mistura de emoções, desde a raiva até a tristeza devastadora.

- Vocês não podem fazer isso! Como vou me comunicar com as pessoas? Como vou viver longe de Jack???

Meu pai estendeu a mão, mas eu não consegui fazer nada além de me afastar. Senti mágoa e traição – como eles têm coragem de fazer isso?!

- Max, nós dois te amamos muito e sabemos o que será melhor pra toda a família. Você fará curso de inglês, fará muitos amigos novos, nós vamos nos ajudar muito até conseguirmos nos adaptar.

Corri para meu quarto, batendo a porta com força. Aqui, no meu refúgio, consigo chorar soluçando e receber a avalanche de emoções que me dominam. Depois do meu avô, nunca mais esse sentimento de desolação havia me tomado. Foi avassalador.



Capítulo 24

Caminho 3

Raiva, tristeza, confusão e uma sensação de abandono. Não tive nem forças pra falar com Jack, embora logo receberia suas mensagens querendo saber o que havia acontecido depois do meu ímpeto de coragem.

Eles não estão pensando em mim, são egoístas, só pode! Estou só, à deriva, náufrago de uma vida desconhecida. E agora? O que fazer? Vou propor uma votação! Como cidadão deste país que é a minha casa, tenho o direito de votar contra essa decisão e o dever de informá-los que eles estão redondamente enganados sobre essa determinação. Isso é uma audácia!

Além de não querer mudar de ares, eu me sinto em ligação direta com este país, pertencente a uma nação e, por mais que eu considere muito quente na maior parte das vezes, é melhor do que um lugar congelante! Nunca imaginei que teria que refletir sobre minha nacionalidade...

Num impulso, comecei a arrumar minhas roupas dentro de uma mochila. Eu queria sumir, ir embora, entrar num foguete. Precisava sair daquele lugar, nem que fosse fugindo pela janela. Fugir.

E ir pra onde? Pra casa de Jack? Será que sua família me aceitaria? Não quero sair daqui, não quero novos amigos, não quero aprender outra língua, não quero...

Não quero nada, nem ninguém: vou fugir pra um lugar distante! Sem ninguém pra me incomodar. Quero ser livre!! Vou fugir pro espaço, pras galáxias, pra uma ilha!!

Lembrei que, uma vez, a professora de Literatura comentou sobre um escritor português que morava numa ilha. Sorte a dele! Dizia algo assim: “é preciso sair da ilha pra ver a ilha, ou seja, não nos vemos se não sairmos de nós”. O que será que ele quis dizer com isso?

Capítulo 25

Caminho 3

Os dias foram passando. Jack me ligava por chamada de vídeo diariamente. Preferi faltar a escola por uns dias, isso não seria fácil de dizer a outras pessoas. Como eu falaria? A companhia de Jack me deixava menos só.

Primeiro, minha mãe se aproximou para uma conversa mais franca. Eu já não chorava tanto. Expliquei que minha maior aflição era perder meus amigos, principalmente Jack. O coração apertava e doía só de pensar. Eu brigava muito com meus pais, mas isso não era nada perto do amor que sentia por cada um. Por que, então, eles insistiam nessa história? Minha mãe se esforçava para continuar conversando, explicando que não havia muita escolha, já que meu pai estava perdendo clientes no Brasil.

Eu não queria saber os motivos, estava com uma revolta imensa e nada mais importava naquele momento. Meu pai deixou nítido pra mim que eles demoraram muito pra chegar a essa escolha porque pensaram em mim, mais do que neles. Isso, sem dúvida, é uma demonstração de que sou importante pra eles, mas ainda estou sem palavras diante de tudo.

Dias atrás, Jack me ligou pra dizer que seu sonho era morar fora do país, fazer um intercâmbio. Eu não sabia disso. Talvez Jack pudesse vir conosco, um pouco depois, quem sabe, aproveitar uma oportunidade e, de quebra, me fazer companhia?

Então... como deve ser morar em outro país? O quarto será no sótão, como vejo nos filmes? Que seja... talvez seja melhor voltar à minha história com Lena e pesquisar sobre seus percursos, suas viagens, suas origens. Será que Lena é estrangeira? Isso muda toda a história.

Mudar a história é transformar a partir do que se tem. Então, seja com minha mãe, seja com meu pai, com Jack ou Lena, na escola ou numa ilha, não importa, o que vou fazer é continuar tentando não me perder. E vou pra onde agora?

Capítulo 26

Para onde foi Max? O que Max decidiu daqui em diante?

Verbetes

Liberdade - A liberdade é uma condição na qual o ser humano não é obrigado a agir consoante a vontade de outro, é não estar escravizado por outrem. Portanto, liberdade implica em independência, é poder ir aonde quiser sem a obrigatoriedade de uma licença.

A liberdade terá limites sempre, ela é galgada passo a passo até a sua plenitude, que será quando a pessoa tiver o livre arbítrio de realizar algo. O onde realizar esse algo será o limite social e natural, colocado pelo meio ambiente. Os limites frente à natureza e à sociedade são variáveis, não obstante, as transgressões são punidas pelas regras da sociedade e pela reação da natureza.

Liberdade é o contrário de escravidão, submissão, sujeição, servidão, cativo, cárcere, prisão. Quando o ser humano ou animal vive qualquer uma dessas situações, jamais esquece, e valoriza e luta ainda mais para a conquista e a manutenção da liberdade de si e do coletivo. (Fonte: Dicionário de Direitos Humanos, p. 293-294).

Verdade - Para entendermos a ideia de *verdade*, precisamos expandir sua compreensão não apenas como representação da realidade, mas também considerar a percepção do interlocutor e os fundamentos sobre as suas afirmações dos fatos.

As conexões entre conceitos e fatos que o interlocutor faz em suas afirmações expressam no discurso o seu entendimento da realidade, a expressividade de suas crenças e valores na linguagem e o entrosamento ou não quanto à compreensão intersubjetiva. A crença é parte essencial da afirmação na linguagem, pois acreditar e afirmar são atividades necessariamente conexas. Essas crenças são pressupostos assumidos, criadas ou alteradas a partir do contato com o mundo, como conclusão filtrada ou mediada pela pessoa através de sua interpretação da realidade. O que presume de conexões e do papel atribuído pelo significado dado ao

objeto de representação é a totalidade do seu conhecimento daquele objeto.

Além das crenças como premissas, ao se expressar, também há o juízo de valor, as intenções do interlocutor, suas conclusões sobre o sentido atribuído ao conceito.

Na definição de condições de verdade, há a articulação social, há validação pelo grupo, sociedade ou conjunto de pessoas que compartilham aquela comunicação. Portanto, o que é tido como verdadeiro em determinada comunidade não necessariamente será considerado verdade por outras e nem por todas. A validade pelos outros está tanto na compreensão cognitiva, quanto no uso daquela afirmação como premissa de suas próprias, como se *verdade* fosse.

Conclui-se que a *verdade* é uma figura de linguagem usada como parâmetro para validação de discursos, e que também pode ser atribuída a uma afirmação. Quando se atribui a *verdade* a uma afirmação, pressupõe-se que ela não é em si uma expressão isolada da realidade, mas que naquela podem-se vislumbrar parâmetros constatáveis da realidade, e que detém crenças e intenções de quem a afirma, as quais são aderentes à compreensão de outras pessoas que compõem o grupo social no qual ocorre aquela comunicação. (Fonte: Dicionário de Direitos Humanos, p. 551-557).

Autoritarismo - Essa é uma forma de governo que se caracteriza, em primeiro lugar, pela obediência absoluta ao líder de Estado. Por isso mesmo, se opõe a todo tipo de liberdade individual – seja expressa pelas instituições democráticas, seja diante de novos agentes sociais como a população negra, LGBTQ+, indígenas, quilombolas, e os vários feminismos –, transformando adversários políticos em inimigos a serem difamados ou, em casos mais extremos, liquidados. Nesses regimes, o líder do executivo concentra ou procura concentrar poderes, de maneira que possa ter livre acesso às tomadas de decisão, bem como a autoridade para vetar medidas propostas por outras instituições democráticas. Governa na base do personalismo, minando a autonomia de outros integrantes da democracia como os partidos, as

eleições, o legislativo e o judiciário.

Nas versões mais atuais do autoritarismo, são fortemente combatidas as pessoas que professam sexo e gênero diferentes dos padrões heteronormativos. Não é coincidência o fato desses regimes se manifestarem contra conquistas das populações LGBTQ+, acusando-as de degeneradas e propondo formas de mudança, nesse sentido. Na verdade, esses são dirigentes que se opõem aos novos agentes sociais – negros, indígenas, população LGBTQ+, quilombolas, mulheres – que vêm ascendendo por conta da democracia. O autoritarismo se opõe, portanto, à democracia, que já em Atenas era definida como um regime com “capacidade de se autogovernar entre os iguais”. Modernamente, passou a significar “poder do povo” — cidadãos e cidadãs comuns são soberanos e concedem partes limitadas dessa soberania para uma pessoa ou para um partido que governa, através de eleições. Mas concentram o restante em suas mãos e precisam que suas vozes e opiniões sejam ouvidas. Por conta disso, as noções de igualdade e liberdade permitem distinguir governos democráticos daqueles autoritários. (Fonte: Dicionário de Direitos Humanos, 2021, p. 41-48).

Nome social - Entende-se por nome social aquele adotado pela pessoa, por meio do qual se identifica e é reconhecida na sociedade, e por ela declarado. O nome social já é um direito garantido por meio do Decreto Nº 8.727, de 28 de abril de 2016, que dispõe sobre o uso do nome social e o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas travestis e transexuais no âmbito da administração pública federal direta, autárquica e fundacional. Chamar uma pessoa por um nome com o qual ela se identifica é garantir a ela o direito de existir no mundo. Portanto, o nome social, muito mais do que um nome, significa reconhecimento, respeito, dignidade. Veja mais em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/decreto/D8727.htm.

Constituição identitária - A constituição da identidade pessoal é considerada uma das tarefas mais importantes do ser humano, o passo crucial da transformação para um

adulto produtivo e maduro. Construir uma identidade implica em definir quem a pessoa é, quais são seus valores e quais as direções que deseja seguir pela vida. Identidade é uma concepção de si mesmo, composta de valores, crenças e metas com os quais o indivíduo está solidamente comprometido. A cada etapa, o indivíduo cresce a partir das exigências internas de seu ego, mas também das exigências do meio em que vive, sendo portanto essencial a análise da cultura e da sociedade em que vive o sujeito em questão. (Fonte: Erikson, 1976; 1987).

Transgênero - Transgêneros são pessoas que não se identificam com o gênero ao qual foram designadas, baseado em seu sexo biológico. Ser transgênero é não comportar a linearidade da relação sexo-gênero-desejo, permitindo uma expressão que é plural, sem ser doença ou desvio, mas como mais uma das expressões possíveis da vida humana. Os enfrentamentos vividos pelas pessoas transgêneras as excluem de contextos da vida social, familiar e de direitos. Assim, é preciso garantir os espaços de direitos para as pessoas transgêneras em todos estes contextos.

Dentro do grupo transgêneros há diversos subgrupos. A classificação dos diferentes grupos de transgêneros muda de acordo com a cultura, local e grupo. A prefeitura de Nova York (EUA), por exemplo, em sua cartilha, classificou 31 classes diferentes de transgêneros. Apresentamos a seguir algumas das possibilidades de nomearmos as diferentes composições das expressões de gêneros e sexualidades:

Transexuais, a mais popular entre elas, são pessoas que possuem o gênero oposto ao designado pelo seu sexo biológico. Pessoas do sexo masculino que se identificam, experimentam e vivenciam o gênero feminino, são denominadas mulheres trans. O oposto são os homens trans. Há pessoas que denominamos não-binárias que não se identificam com nenhum dos gêneros específicos, vivenciando um misto entre os dois extremos, como por exemplo os *genderqueers*.

Pessoas que vivem os dois extremos de gênero de forma intercalada, em travestimos duplo ou bivalente, podem ser

denominadas, entre outros, como *crossdressers*.

Para os que fazem outro gênero apenas para atuações artísticas são transformistas, *drag-queens* ou *drag-kings*. Estes não são transgêneros, o fazem apenas para a apresentação em musicais, teatrais etc.

A prática de viver o gênero designado oposto a sua identidade somente em locais específicos por necessidade ou imposição, como ambiente trabalho ou familiar etc, é chamada de cisplay.

Na América Latina há o termo travesti, que comumente se refere a mulheres transexuais que não têm necessidade e nem ambição de realizar a cirurgia de redesignação sexual, mas também se refere à luta política de inserção dessas pessoas na sociedade, de maneira equânime. (Fonte: Educadiversidade, 2023).

Preconceito - O preconceito constitui-se de um conjunto de opiniões, crenças e atitudes negativas contra grupos socialmente discriminados e se fundamenta no medo irracional que desenvolvemos em relação a eles. A falta de contato e convívio mais próximo com os grupos socialmente discriminados contribui para aumentar esse medo. Toda forma de discriminação e preconceito também é uma forma de violência. Piadas e xingamentos se referenciando ao sexo, etnias, raça, identidade de gênero ou orientação sexual etc, são violências veladas, pois além de atingirem indiretamente estes grupos mencionados, reforçam estereótipos e servem de instigação para a cultura e a prática “justificada” de violência contra estes grupos. Temos a tendência de desprezar ou não entender as violações morais como forma de violência, mas para a vítima pode ser ainda mais doloroso que a dor física. (Fonte: Educadiversidade, 2023).

Violência - Uma das justificativas para a existência da Declaração Universal dos Direitos Humanos é a luta contra as violências sofridas, principalmente por minorias. Ocorre que definir o que é violência não é tão simples quanto parece, ela não pode ser vista como, por exemplo, a cultura é vista, ou seja, como “algo que todos sabem o que é, mas não sabem

definir”. Muito das violências existentes na sociedade não são percebidas, ao menos facilmente, como tal, de forma que, por vezes, a pessoa violentada não se entende desta maneira, podendo até mesmo justificar e aprovar tal violência. Esse efeito decorre da estrutura social vigente. Hoje as pessoas estão inseridas no sistema mundo moderno, que foi criado em 1492 e que tem como justificativa a emancipação pela racionalidade, mas que na realidade é promotor de violências incalculáveis. Isso pelo fato de se pretender universal, pois para atingir este objetivo a modernidade se utilizou, entre outros elementos, da uniformização e da hierarquização social. A partir delas, definiu um modelo a ser seguido (Homem, Branco, com Posses, com Moralidade Cristã e Europeu), sendo que quanto mais adjetivos elencados no modelo a pessoa possuir, mais ascendido na hierarquia social ela está. Lembrando que este modelo se altera com o tempo, sempre visando manter o *status quo* e gerar exclusividade para as elites. Ou seja, ele é uma forma de excluir, encobrir, perseguir, etc. a maior parte da população humana.

Mas o que realmente é uma violência? Como definir um ato violento de um ato não violento?

Compreender o que é violência e se um ato é ou não violento não é algo simples. Quando se pergunta para uma pessoa ‘O que é violência?’, logo ela se lembrará de terrorismo, crimes penalmente puníveis, confrontos civis, confrontos internacionais e até mesmo alguns tipos de esportes como as Artes Marciais Mistas (MMA). Mas nem todos esses atos que vêm à mente são violentos, nem mesmo englobam todas as violências existentes. A primeira atitude que alguém que deseja compreender a violência é fugir do engodo, criado pela modernidade, que vincula violência a ‘sangue’. Inclusive essa visão é útil aos hegemonas, pois tais atos distraem as pessoas dos demais atos de violências, gerando nelas um *mix* de medo e fascínio, o que possibilita o aprofundar da violência por parte das estruturas modernas. Quando se associa violência, por exemplo, a crimes, normalmente se pensa em atos praticados por “traficantes em favelas”, esquecendo-se não só da violência perpetrada pela polícia, como também da

violência representada por privilégios de elites políticas e/ou econômicas. Ainda que atos de violência subjetiva (infra) devam ser devidamente tratados pelo Direito, é na violência objetiva (infra) que as políticas devem focar se queremos realmente acabar com o problema.

Na sociedade moderna existem duas espécies de violência: a subjetiva e a objetiva. A violência subjetiva é a violência mais aparente, de fácil constatação. Por exemplo, quando uma pessoa desfere um soco em outra. Facilmente se identifica aquele ato como sendo violento, além de identificar o agressor e o agredido. Já a violência objetiva não é tão manifesta, sendo de difícil constatação e chegando a ser invisível para os analistas desatentos.

Essa violência se subdivide em outras duas espécies: a violência simbólica e a sistêmica (ou estrutural). A primeira espécie (a simbólica) age na linguagem, não só no idioma, mas em toda forma de linguagem, como por exemplo na arquitetura. A modernidade criou o idioma oficial, que define os sentidos das palavras e limita a possibilidade da interpretação de mundo, sendo essa uma forma de violência simbólica. Outro exemplo são os Estados-Nação Modernos que, para que sejam como tais, necessitaram inventar quem era a “nação”, o que significou a eliminação e/ou assimilação do diferente, seja de culturas, religiões, idiomas, etc. O mesmo ocorre na arquitetura, quando se constroem edifícios ‘grandiosos’, ou uma loja com certa estética ‘chique’, que por si só já repele o ‘populacho’ – ou mesmo pelo fato de que em tais lugares não há uma entrada que não seja por automóvel – ou na chamada “arquitetura hostil” (quando, por exemplo, se fazem bancos de praça “imunes” a que pessoas em situação de rua possam deitar). A segunda espécie (estrutural/sistêmica) se refere às estruturas que sustentam o nosso sistema político-econômico. Como, por exemplo, o racismo estrutural, a exploração da mais-valia dos trabalhadores, a discriminação contra mulheres ou LGBTQIAPN+ etc. Essa violência é constatada quando comparamos as regiões com maior e menor renda, em relação à prestação dos serviços públicos, por exemplo. Nas regiões onde as pessoas possuem mais dinheiro, são mais

brancas, com mais posses, os serviços públicos são de melhor qualidade se comparado a regiões onde as pessoas ganham menos dinheiro, são majoritariamente negras e não têm posses. (Fonte: Dicionário de Direitos Humanos, p. 558-563).

Votação - Fase do processo legislativo em que o órgão decide sobre a aprovação ou rejeição de determinada matéria. Pode ser ostensiva, adotando-se o processo simbólico ou nominal, ou secreta, por meio do sistema eletrônico, de cédulas, ou ainda, no caso do Senado Federal, por meio de esfera. (Fonte: Congresso Nacional, 2023).

Feminista / Feminismo - Os movimentos feministas, como grupos organizados, surgiram na Europa Ocidental e tem o objetivo de confrontar a particular situação de subordinação das mulheres pelos homens. O principal objetivo das feministas, no início dos movimentos, foi de tornar visíveis as mulheres ocultadas historicamente pela segregação social e política, denunciando a ausência das mulheres na política, na ciência, nas letras e nas artes. Podemos dizer que o feminismo é um instrumento teórico que permite dar conta da construção de gênero como fonte de poder e de hierarquia que impacta mais negativamente sobre as mulheres. É a lente através da qual as diferentes experiências das mulheres podem ser analisadas criticamente. Ser feminista, então, é buscar a construção de uma justiça social para as mulheres. Isso quer dizer que o feminismo clama por mudanças nas ordens sociais, com o objetivo de rejeitar todas as formas de dominação. (Fonte: TEIXEIRA; LOPES; GOMES JÚNIOR, 2019).

Antirracista - Racismo é todo o ato ou comportamento que revele preconceito ou discriminação em razão de raça, cor da pele, etnia, origem ou procedência nacional. O racismo vai muito além do que prevê a lei, é algo bem mais profundo. Consiste em um conjunto de hábitos, comportamentos e práticas, que de forma direta e indireta, afirma a superioridade de determinados grupos étnicos sobre outros. Por isso, podemos dizer que o racismo no Brasil é estrutural. Ser an-

tirracista é combater esse comportamento, diariamente, desde as grandes às pequenas atitudes. O antirracismo é uma forma de ação contra o ódio, preconceito racial, racismo sistêmico e a opressão estrutural de grupos marginalizados racialmente e etnicamente. (Fonte: MPRJ, 2023).

Empoderada / Empoderamento - Empoderamento é um neologismo que significa, grosso modo, “dar poder”. O conceito de poder tem sido interpretado de diversas formas, mas, na definição de Hannah Arendt, que pensa em poder a partir da ação coletiva, temos a ideia que orienta o significado social e subjetivo de poder e que se aplica na compreensão do que falamos quando assumimos a necessidade de empoderar grupos minoritários, porque o poder corresponde à habilidade humana não apenas para agir, mas para agir em conjunto.

Empoderar é, antes de tudo, pensar em caminhos de reconstrução das bases sociopolíticas, rompendo concomitantemente com o que está posto, entendendo ser esta a formação de todas as vertentes opressoras que temos visto ao longo da História. Esse entendimento é um dos escudos mais eficientes no combate à banalização e ao esvaziamento de toda a teoria construída e de sua aplicação como instrumento de transformação social.

Assim, uma pessoa empoderada é aquela que reconhece as forças sistêmicas que a oprimem, como também atua no sentido de mudar as relações de poder existentes. O empoderamento é um processo dirigido para a transformação dessas forças. (Fonte: BERTH, 2023).

Desenvolvimento Sustentável - A busca pelo crescimento econômico pode ser considerada como a principal causa de degradação ambiental, na medida em que, quanto maior for a produção, mais necessária será a utilização de recursos naturais e a emissão de poluentes. A aceleração na derrubada das florestas, as mudanças climáticas causadas pela emissão de gases oriundos da queima de combustíveis fósseis e os desastres tecnológicos, tais como os que envolvem materiais radioativos ou com barragens de mineração,

são importantes indicativos dos riscos criados pela própria humanidade para o prosseguimento da vida no planeta. Recentemente, com a emergência da pandemia da COVID-19 a partir de março de 2020, de provável origem zoonótica, intensificaram-se as discussões sobre as pressões causadas pelas intervenções antrópicas em *habitats* naturais.

Do ponto de vista ecológico, a sustentabilidade relaciona-se às cadeias ecossistêmicas, nas quais a existência e perpetuação de alguns desses recursos dependem naturalmente de outros recursos, sem a qual existe um risco de destruição do ecossistema. Pela ótica política, por sua vez, a sustentabilidade relaciona-se à capacidade de auto-organização e de sustentação dos povos, a partir de atividades sociais, políticas e econômicas geradas pela própria sociedade em seu benefício. Conjugadas as concepções ecológica e política, tem-se um desenvolvimento sustentável.

Assim, de maneira bastante sintética, o desenvolvimento sustentável pode ser compreendido como a ambição de que a humanidade venha a atender às suas necessidades atuais sem comprometer a possibilidade de que as futuras gerações também possam fazê-lo. O desenvolvimento sustentável é um processo de mudança no qual o uso dos recursos, as políticas econômicas, a dinâmica populacional e as estruturas institucionais estão em harmonia e reforçam o potencial atual e futuro para o progresso humano. (Fonte: Dicionário de Direitos Humanos, 2021, p. 140-141).

Civilidade - O conceito de civilidade se propaga no início do século XVI, sobretudo graças à obra de Erasmo de Rotterdam, intitulada “Da civilidade em crianças”, publicada em 1530. O papel de Erasmo de Rotterdam foi decisivo para o amadurecimento do conceito.

Efetivamente, os significados associados ao termo correspondem a uma necessidade social da época. Erasmo de Rotterdam fornece com seu tratado para educação de crianças nobres orientações para a formação de novo padrão de comportamento que será cada vez mais a referência socialmente aceita nas sociedades ocidentais. O autor destaca que atitudes consideradas hoje como bárbaras e incivilizadas eram cor-

riqueiras entre nossos antepassados, o que pode causar desconfortos e embaraços. Assim, propõe que civilizado e incivil não são uma antítese, mas representam fases de um processo em desenvolvimento em curso ainda em nossos dias.

O homem possui uma estrutura emocional unificada, na qual instintos com funções diferentes não são dissociados uns dos outros. Esses instintos ainda não são totalmente conhecidos, mas é certo que sua forma socialmente impressa é determinante para o funcionamento da sociedade e dos indivíduos que a compõem. Assim, a agressividade se refere a uma função específica da totalidade do organismo. Mudanças na agressividade indicam transformações na estrutura da personalidade como um todo.

A agressividade não é certamente uniforme, hoje, nas diferentes nações ocidentais. Todavia, tais diferenças desaparecem quando comparadas com a agressividade de sociedades em estágio de pouco controle emocional. A impetuosidade dos guerreiros medievais é brutal e gigantesca em relação à agressividade dos indivíduos das nações civilizadas contemporâneas. Ela foi “refinada”, bem como todas as formas de agir. Nos dias de hoje, a violência incontrolável e súbita é identificada como patológica. O aniquilamento e a tortura se tornaram aberrações a partir de um crescente controle social da violência pelo Estado, o que é incorporado gradualmente pelos indivíduos na forma de autocontrole.

A evolução dos padrões de agressividade das sociedades da Idade Média para a contemporaneidade ocidental é profundamente associada à formação do Estado, em particular ao seu monopólio de uso da violência legítima. Na Idade Média, o poder difuso e descentralizado implicava em situação em que cada um deveria se defender, o que é bem diferente de hoje com a existência de instituições específicas para garantia da segurança pública. Desse modo, os homens medievais eram condicionados para a luta e aprendiam desde cedo a se defender com armas, internalizando uma conduta agressiva totalmente aceitável. Nos dias atuais, os indivíduos são protegidos pelo Estado e incorporam disposições para autocontrole das emoções e da agressividade, o que os torna civilizados. (Fonte: ELIAS, 1994).

Heterossexual / Heterossexualidade - *A Heterossexualidade* é atração romântica e/ou sexual entre pessoas do sexo ou gênero oposto. A heterossexualidade compulsória, conhecida como “heteronormatividade”, representa o determinismo biológico. Nela, o sexo determina o gênero, que por sua vez obriga a produção do desejo voltada para o gênero oposto. Tudo o mais já foi considerado um desvio de personalidade, caráter, uma patologia ou anormalidade, ou não entrava na teoria. Ainda hoje, não é difícil encontrar pessoas com este pensamento. Entretanto, há pessoas, em todo o mundo, que não se encaixam nesta linha entre sexo-gênero-desejo que determina a heterossexualidade como destino comum a todas e todos. (Fonte: Educadiversidade, 2023).

Eurocêntrica / Eurocentrismo - O eurocentrismo é uma perspectiva de conhecimento iniciada na Europa Ocidental no século XVII cuja constituição esteve associada à específica secularização burguesa do pensamento europeu, à experiência e às necessidades do padrão mundial do poder capitalista colonial/moderno, eurocentrado estabelecido a partir da América. O eurocentrismo pode ser visto como ideologia e paradigma que durante muito tempo invisibilizou e silenciou a presença e a história de povos e culturas africanas, afro-brasileiras e indígenas no Brasil. Invisibilidade esta presente em todos os aspectos societários da população brasileira, especialmente na educação. (Fonte: SOUZA; PAIM, 2019).

Cisnormativa / Cisnormatividade - No caso oposto à transgeneridade, estão os cisgêneros. O prefixo latino *trans* significa “além de”, enquanto *cis* significa “do lado de cá”. Embora a categoria “cis” pareça nova, ela é fruto da década de 1990. Foi com a professora Dana Leland Defosse que, em 1994, a expressão foi utilizada pela primeira vez com o sentido de se referir a quem não era trans. Professora cis de biologia, Dana buscou na isometria geométrica, *cis* e *trans*, uma forma de se referir a uma alteridade pouco observada. A partir de sua experiência como bioquímica, encontrou nesses prefixos algum potencial para mudar a maneira como falávamos sobre quem cruzava ou não o paradigma do gênero designado no nascimento. Se trans era o termo

adotado para quem não permanecia se identificando com a forma atribuída ao nascer, cis seria a expressão utilizada para falar acerca daqueles que aderiam a essa designação. Não muito depois, em 1995, o ativista trans Carl Buijs viria a ser creditado como o idealizador do termo, mas somente em 2007, com o lançamento do livro *Whipping Girl*, da intelectual Julia Serano, é que a expressão realmente se popularizou. Dessa forma, nos últimos anos, as problematizações em torno da categoria cis vêm abrangendo temáticas mais complexas que identificações pessoais ou posicionamentos individuais sobre o corpo e o gênero de cada sujeito. Nesse ínterim, o termo “cisnormatividade” passa a aparecer como uma ferramenta capaz de alargar as discussões sobre cisgeneridade ao campo mais amplo das normas sociais; ou seja, um complexo arranjo biopolítico que delimita pretensas normalidades de viver e experienciar um corpo ou comunidades de corpos no mundo. Ainda, falar em biopolítica é útil por expor os elementos que compõem a nossa subjetivação, ou seja, as tramas que são criadas em torno das relações entre o sujeito e o poder. Falar sobre cisgeneridade, consequentemente, é falar sobre uma forma única, privilegiada, que é apresentada aos demais como a maneira adequada de viver a vida. (Fonte: MARACCI; FAVERO, 2022).

Patrimônio - O conceito de patrimônio, na cultura ocidental moderna, de modo geral, se refere a uma gama de coisas, bens de grande valor para pessoas, comunidades ou nações ou para todo o conjunto da humanidade. Patrimônio material é o conjunto de bens físicos que compõem o patrimônio histórico-cultural. Trata-se do conjunto de obras, estruturas, espaços e elementos concretos cujo valor histórico, cultural e social faz da preservação deles um interesse do país. *Patrimônio Imaterial* é um conceito adotado em muitos países e fóruns internacionais como complementar ao conceito de *patrimônio material* na formulação e condução de políticas de proteção e salvaguarda dos patrimônios culturais, sob a perspectiva antropológica e relativista de cultura. Usa-se, também, *patrimônio intangível* como termo sinônimo para designar as referências simbólicas dos processos e dinâmicas socioculturais

de invenção, transmissão e prática contínua de tradições fundamentais para as identidades de grupos, segmentos sociais, comunidades, povos e nações. (Fonte: IPHAN, 2023).

Pessoa com deficiência - Na jornada da humanidade ao longo dos tempos, desde o seu nascimento, a visão da deficiência encontra-se permeada pelo preconceito e discriminação. Consideradas incapazes e/ou perigosas, as pessoas com deficiência foram vítimas das mais diversas atrocidades e discriminação. Historicamente, verificam-se variações na concepção da deficiência e na sua relação com a sociedade, sendo possível identificar no processo de construção dos direitos das pessoas com deficiência algumas fases, como a intolerância, decorrente do estigma que acompanhava a deficiência, entendida como sinal de impureza, castigo dos deuses ou pecado, além da invisibilidade. O assistencialismo, fruto do modelo médico, é outro traço, seguido do modelo social de deficiência fundamentado no paradigma dos direitos humanos.

É importante ressaltar que às pessoas com deficiência, da mesma forma que às demais, deve, sim, ser garantido o acesso à saúde, com todos os tratamentos necessários, mas não com o objetivo de modificá-la para atender a um padrão de normalidade social, como pretendia o modelo assistencialista ou de reabilitação. Ao contrário, o que se almeja é o bem-estar e a cidadania dessas pessoas.

O Relatório de Deficiência e Desenvolvimento elaborado pelo Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais da Secretaria das Nações Unidas (ONU), de 2018, demonstra a desproporção nos níveis de pobreza, de acesso à educação, saúde e emprego, de representação na tomada de decisões e participação política das pessoas com deficiência. De acordo com o referido Relatório, a discriminação e o estigma da deficiência, somados à inexistência de acessibilidade em relação a ambientes físicos e virtuais, à tecnologia assistiva e aos serviços essenciais, além da falta de apoio adequado que lhes permita alcançar uma vida independente, ainda são as principais barreiras enfrentadas pelas pessoas com deficiência.

A eliminação desses obstáculos é condição necessária para que esse grupo de indivíduos possa exercer, de forma efetiva,

os direitos decorrentes da dignidade inerente a toda pessoa humana. (Fonte: Dicionário de Direitos Humanos, p. 350-354).

Poder - Tradicionalmente, o poder é compreendido como algo que é exercido por um agente capaz de impor sua vontade a outrem, independentemente da sua anuência. Essa noção tradicional está necessariamente ligada à ideia de liberdade, ou melhor, de restrição da liberdade individual pela dominação de um indivíduo por outro.

O Poder Executivo, na organização que lhe cabe, exerce a função típica administrativa ou governamental, mensurada na administração dos órgãos e entidades vinculados à Administração Pública. Tal estrutura pratica os atos típicos da Chefia de Estado e de Governo, organizados para cumprir os dispositivos legais de plena efetividade das políticas públicas.

Enquanto Chefe de Governo, o Presidente da República exerce funções para permitir a elucidação da vontade popular e a realização dos atos concretos das políticas públicas. No Brasil, nos termos do art. 84 da Constituição da República de 1988, cabe ao Presidente da República, na função de Chefe de Governo, nomear e exonerar os Ministros de Estado, sancionar e promulgar as leis aprovadas pelo Poder Legislativo, além de vetar os projetos de lei, seja total ou parcialmente, a partir da análise de sua viabilidade.

O Poder Legislativo, por sua vez, tem como fundamento os atos típicos do processo de renovação no ordenamento jurídico, por meio da edição de novos produtos legislativos (emendas constitucionais, leis delegadas, leis ordinárias, leis complementares, entre outros). A partir de procedimento democrático e considerando a variedade de situações concretas, algumas disposições podem estar ultrapassadas ou será preciso renovar as normas jurídicas em alguns pontos, diante da impossibilidade de se prever todas as causas de incidência da legislação.

Por fim, o Poder Judiciário tem como fundamento a organização estatal para proceder ao julgamento dos conflitos de interesses vislumbrados nos casos concretos levados à apreciação de seus órgãos. Diante dos múltiplos

conflitos presentes na base da sociedade, sejam eles mais simples ou complexos, frutos dos contratos inadimplidos ou dos inúmeros problemas oriundos das desigualdades sociais e da busca por plena efetividade dos direitos, o Estado trouxe para si o monopólio da função jurisdicional. (Fonte: Dicionário de Direitos Humanos, p. 386-394).

Cidadã / cidadão - A palavra cidadão, originalmente, caracterizava o homem das elites gregas, e depois também romanas, que vivia na cidade, tinha um conjunto de deveres específicos e fruía uma série de direitos. Nessas sociedades, o restante da população, composto de mulheres, crianças, escravos, estrangeiros e homens livres de estratos sociais inferiores – e constituíam a imensa maioria – não possuía cidadania, ou seja, um conjunto de direitos e deveres. Com isso, a participação nos debates públicos e nas decisões políticas, que regiam a vida nessas sociedades, era restrita a um pequeno grupo que decidia pelo coletivo.

Ainda que parte fundamental do conceito de cidadania permanença praticamente inalterada, representando uma relação dual entre o indivíduo e o Estado através do estabelecimento de um conjunto de obrigações e direitos, a abrangência da cidadania foi transformada por longos processos nos quais as lutas sociais dos grupos marginalizados são de extrema importância. Assim, podemos dizer que a construção da cidadania é em si um processo contínuo, atravessada, ao mesmo tempo, por outros processos históricos que com ela se relacionam. Além dos grupos sociais que podem ser reconhecidos ou deixar de ser reconhecidos como cidadãos, a legislação que estabelece e define os direitos e deveres (individuais e coletivos) é alterada de acordo com as mudanças e as permanências da sociedade. No Brasil, é a partir da independência política, em 1822, quando se torna um Estado nacional, que começa efetivamente o processo de construção da cidadania de sua população – ainda que processos históricos anteriores tenham impactado diretamente o modo como isso se deu desde então. (Fonte: (SOUZA; AGNELLI; TORELLI, s/d, p. 4).

Direitos - O termo “direito” provém da palavra latina *directum*, que significa reto, no sentido de retidão, o certo, o cor-

reto, o mais adequado. A definição nominal etimológica de Direito é “qualidade daquilo que é regra”. Como se verifica em textos constitucionais, a Constituição Federal de 1988 se caracteriza por uma diversidade semântica, valendo-se de termos diversos ao referir-se aos direitos fundamentais. Em caráter ilustrativo, referem-se às expressões a) Direitos Humanos (art. 4º, II), b) Direitos e Garantias Fundamentais (epígrafe do Título II, e art. 5º, § 1º), c) direitos e deveres individuais e coletivos (epígrafe do respectivo capítulo), d) liberdades constitucionais (art. 5º, inc. LXXI) e d) direitos e garantias individuais (art. 60, § 4º, inc. IV). (Fonte: Enciclopédia Jurídica da PUCSP, 2023).

Desinformação - *Fake news*, notícias falsas, negacionismo, infodemia são termos cada vez mais presentes na sociedade e que possuem um fato em comum: a desinformação. Desinformação, em uma definição curta, é um termo utilizado para tratar de informações imprecisas ou enganosas. Uma informação imprecisa não é necessariamente falsa, mas pode levar a um entendimento errôneo do assunto abordado, dependendo do contexto em que estiver inserida (como notícias antigas compartilhadas como se fossem recentes, por exemplo). Informações enganosas, por sua vez, são em sua natureza incorretas. Como o próprio termo diz, elas possuem o objetivo de enganar as pessoas.

Um caso específico de desinformação que ganhou crescente visibilidade tanto na mídia quanto na academia é o das *fake news* (“notícias falsas”, em português). Entretanto, as notícias falsas são apenas uma parte de todo o contexto de circulação de desinformação nas plataformas de mídias sociais. Destaca-se o aspecto da fabricação com intenção das *fake news* – seus criadores sabem o que estão fazendo e têm consciência de que é um conteúdo falso. Não é um acidente nem um erro: são ações premeditadas com o objetivo de manipulação da opinião pública. Embora o termo *fake news* seja frequentemente utilizado como sinônimo de desinformação, essa é uma associação inadequada. *Fake news* é um tipo de desinformação, mas não abrange toda a complexidade dos fenômenos de poluição da informação que circula na sociedade.

O discurso negacionista é outra forma conhecida de desinformação. O fato do termo negacionismo ser aplicado à negação em larga escala ressalta o fato de que existem grupos de pessoas que desacreditam de certos aspectos da ciência ou história em conjunto, e não são casos isolados. Ao defender um discurso negacionista, o responsável por esse discurso está propagando desinformação. O negacionismo busca gerar uma controvérsia a partir de um assunto que está “estabilizado” e que não deveria ser motivo de questionamento dada a quantidade e qualidade das evidências a seu respeito.

Além disso, a ciência é um saber com suas especificidades, e há informações que contrariam esse saber. Ao falar-se de desinformação científica, estamos nos referindo a “todo tipo de informação que contradiz, distorce ou refuta o que já é um consenso da comunidade acadêmica sobre o assunto em questão”. A desinformação científica também pode ser definida como toda informação sem sustentação, baseada em rumor, não verificável, e pseudocientífica que tratem de assuntos caros à ciência. Dentre os tipos de desinformação, incluem-se pseudociência, *fake sciences*, informações incorretas e negacionismo científico. (Fonte: Dicionário de Direitos Humanos, 2021, p. 149-155).

Poder - O Poder Executivo, na organização que lhe cabe, exerce a função típica administrativa ou governamental, mensurada na administração dos órgãos e entidades vinculados à Administração Pública. Em que pese a incerteza da expressão Poder Executivo (Silva, 2020), tal estrutura pratica os atos típicos da Chefia de Estado e de Governo, organizados para cumprir os dispositivos legais de plena efetividade das políticas públicas. [...]

Enquanto Chefe de Governo, o Presidente da República exerce funções para permitir a elucidação da vontade popular e a realização dos atos concretos das políticas públicas. No Brasil, nos termos do art. 84 da Constituição da República de 1988, cabe ao Presidente da República, na função de Chefe de Governo, nomear e exonerar os Ministros de Estado, sancionar e promulgar as leis aprovadas pelo Po-

der Legislativo, além de vetar os projetos de lei, seja total ou parcialmente, a partir da análise de sua viabilidade. [...] O Poder Legislativo, por sua vez, tem como fundamento os atos típicos do processo de renovação no ordenamento jurídico, por meio da edição de novos produtos legislativos (emendas constitucionais, leis delegadas, leis ordinárias, leis complementares, entre outros). A partir de procedimento legiferante democrático e considerando a variedade de situações concretas, algumas disposições podem estar ultrapassadas ou será preciso renovar as normas jurídicas em alguns pontos, diante da impossibilidade de se prever todas as causas de incidência da legislação. [...]

Por fim, o Poder Judiciário tem como fundamento a organização estatal para proceder ao julgamento dos conflitos de interesses vislumbrados nos casos concretos levados à apreciação de seus órgãos. Diante dos múltiplos conflitos presentes na base da sociedade, sejam eles mais simples ou complexos, frutos dos contratos inadimplidos ou dos inúmeros problemas oriundos das desigualdades sociais e da busca por plena efetividade dos direitos, o Estado trouxe para si o monopólio da função jurisdicional. (Fonte: Dicionário de Direitos Humanos, p. 386-394).

Votação - Participação Política: Os cidadãos têm o direito de participar no processo político de seu país, seja por meio do voto, da candidatura a cargos públicos ou do envolvimento em organizações políticas. Isso é fundamental para a democracia.

Nacionalidade - Um dos principais sinônimos para a interpretação de nacionalidade é a noção de cidadania de um indivíduo que carrega com ela todo um conjunto de regras que determinam os deveres e os direitos desse cidadão. Nacionalidade é o que vincula juridicamente, socialmente e politicamente um indivíduo a um país ou até mesmo a um povo, estabelecendo uma ligação de forma que este indivíduo passe a fazer parte desse país, desse povo, dessa nação, se submetendo ao conjunto de deveres e direitos atribuídos pelo Estado. Assim sendo, a nacionalidade

não se configura apenas como um local de origem, mas principalmente pelos vínculos que se estabelecem entre um cidadão e uma nação.

O que indica a origem de uma pessoa é a sua naturalidade, ou seja, o local de nascimento. A nacionalidade de um indivíduo normalmente é definida pelo seu país de origem, podendo também se definir através de um processo jurídico, por meio do qual é requerida a cidadania para pessoas que normalmente vivem em outro país e que queiram usufruir dos direitos civis disponíveis para os cidadãos daquele país. (Fonte: Dicionário de Direitos Humanos, p. 326-329).

Nação - Uma **nação** é constituída por uma população que partilha a mesma origem, língua, religião e/ou cultura, ou seja, são pessoas que possuem uma história e identidade comuns. O conceito de nação, portanto, é mais amplo e complexo do que o conceito de povo. A nação, no entanto, submete-se ao Governo e à legislação do país em que se localiza. Assim, um mesmo país pode abrigar nações distintas. O Brasil, por exemplo, abriga diversas nações indígenas, que, por se localizarem no território do Brasil, respondem às leis e aos objetivos do Estado Nacional brasileiro. (Fonte: Mundo Educação, 2023).

Referências

BERTH, Joice. **Empoderamento**. Coleção Feminismos Plurais. São Paulo: Sueli Carneiro; Jandaíra, 2023.

BRASIL. **DECRETO Nº 8.727, DE 28 DE ABRIL DE 2016**.

Dispõe sobre o uso do nome social e o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas travestis e transexuais no âmbito da administração pública federal direta, autárquica e fundacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/decreto/D8727.htm>.

CARONE, Iray. **Preconceito e discriminação racial**. 2005.

Congresso Nacional. **Glossário de Termos Legislativos**. Disponível em: <<https://www.congressonacional.leg.br/legislacao-e-publicacoes/glossario-legislativo>>.

Educadiversidade. Disponível em: <<https://educadiversidade.unesp.br/transgeneros>>. Acesso em: 16 out. 2023.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Trad. Ruy Jungman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

Enciclopédia Jurídica da PUCSP. **Conceito de direitos e garantias fundamentais**. Disponível em: <<https://enciclopediajuridica.pucsp.br/verbete/67/edicao-2/conceito-de-direitos-e-garantias-fundamentais>>.

Erikson, E. **Identidade, Juventude e Crise**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1976.

Erikson, E. **Infância e Sociedade**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1987.

IPHAN. **Dicionário do Patrimônio Cultural**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural>>.

MAGALHÃES, José Luiz Quadros de; GONTIJO, Lucas de Alvarenga; COSTA, Bárbara Amelize; BICALHO, Mariana Ferreira (Orgs.). **Dicionário de Direitos Humanos** [recurso eletrônico] / José Luiz Quadros de Magalhães; Lucas de Alvarenga Gontijo; Bárbara Amelize Costa; Mariana Ferreira Bicalho (Orgs.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2021.

MARACCI, João Gabriel; FAVERO, Sofia. **Por que falamos em cisnormatividade?** Le Monde Diplomatique Brasil. 9 fev. 2022. Disponível em: <<https://diplomatique.org.br/por-que-falamos-em-cisnormatividade/>>.

MPRJ. **Ministério Público no enfrentamento ao racismo.** 2023. Disponível em: <<https://www.mprj.mp.br/documentos/20184/540394/controladorphp.pdf>>.

Mundo Educação. **Diferença entre povo e nação.** Disponível em: <<https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/diferenca-entre-povo-nacao.htm>>.

SOUZA, Maíra Carcelen de; AGNELLI, Henrique Pons; TORELLI, Leandro Salman. **Estado e Cidadania:** a luta pelos direitos e construção da cidadania no Brasil. Publicações BBM, USP, São Paulo/SP.

SOUZA, Odair de; PAIM, Elison Antonio. **Problematizando o eurocentrismo e desconstruindo o racismo por meio de práticas pedagógicas decoloniais e interculturais.** Fronteiras: Revista Catarinense de História. Dossiê *Ensino de história e relações étnico raciais*. N 34, 2019/02.

TEIXEIRA, Marcella Barbosa Miranda; LOPES, Fernanda Tarabal; GOMES JÚNIOR, Admardo Bonifácio. **Gênero e Feminismos:** conceitos e perspectivas. Caderno Espaço Feminino | Uberlândia, MG | v.32 | n.1 | seer.ufu.br/index.php/neguem | jan./jun. 2019.



Tipologia Serifa Std (Títulos)
Times New Roman (Miolo)
Swiss721 (Notas)

Formato 16 x 23 cm

A autora

Sarah Vervloet nasceu em Vila Velha/ES e publicou *Contos e microcontos* (2013 - Secult ES), *A superfície do mundo* (2015 - Secult ES) e *Luar é verbo: notas sobre a fluidez* (2023 - Editora Patuá). Foi também

cronista do Jornal A Gazeta (Vitória/ES, 2015-2016). É professora EBTT de Língua Portuguesa no IFFluminense Campus Bom Jesus do Itabapoana, Mestre em Letras e Doutora em Educação. É, ainda, pesquisadora na área de escrita literária e, em breve, vai publicar o livro *Perspectivas didáticas da escrita literária para o ensino médio* (Essentia Editora), resultado da sua tese de doutorado. Hoje, atua como coordenadora do Núcleo de Gênero, Diversidades e Sexualidades (NUGEDIS) do Campus Bom Jesus do Itabapoana e como coordenadora multidisciplinar do Programa Mulheres Mil do IFFluminense.

